UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

BI MENG YIN

Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado – Interlíngua e marcadores discursivos

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado – Interlíngua e marcadores discursivos

BI MENG YIN

Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito parcial para fazer jus ao título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

SÃO PAULO
2013

Nome: Bi Meng Yin

Título: Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado-interlíngua e marcadores discursivos

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva Instituição:Universidade de Macau

Julgamento: Aprovada Assinatura:_____

Profa. Dra. Ho Ye Cha Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada Assinatura:_____

Prof. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: aprovada Assinatura:_____

Agradecimentos

Este estudo não é apenas resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais seria muito mais difícil chegar ao fim desta etapa, que representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional. O sucesso de hoje está intimamente relacionado com os apoios de todas as pessoas que estão à minha volta. Por isso, queria agradecer a todas pessoas que contribuíram para a conclusão de minha dissertação.

Primeiro, à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Célia Lima-Hernandes, pelo apoio constante na orientação do trabalho, pela sua confiança na minha competência para concluir o trabalho, pela paciência na correção da minha dissertação, também pela sua atenção na minha vida do Brasil. Sem os seus esforços, não conseguiria realizar o trabalho.

Ao professor Doutor Roberval Texeira Silva, pelas sugestões para aprimoramento desta dissertação.

A todos os chineses de São Paulo que participaram como informantes e permitiram que a gravação das entrevistas. Sem a sua colaboração e paciência, não conseguiria recolher dados suficientes para a minha dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pela bolsa concedida durante os dois anos do curso.

A todos os amigos que fizeram parte desses momentos sempre me ajudando e incentivando.

Finalmente, aos meus pais, pela motivação e compreensão. Embora estejam muito longe, estão sempre junto de mim para me apoiar. Sem o seu apoio e confiança, não conseguiria vencer as dificuldades para chegar a esta meta.

致谢

在本论文即将完成之际，谨此向我的导师 Maria Célia Lima-Hernandes 教授致以衷心的感谢！导师渊博的知识、严谨的治学态度和诲人不倦的耐心给我留下的深刻的印象，本论文工作没有导师的悉心指导是不可能完成的。在巴西攻读硕士的两年里，导师不仅给我提供了很多学术指导，同时也在思想上、人生态度和意志品质方面给予谆谆教诲。

衷心感谢 Roberval Texeira Silva 教授对本论文给予的指导。

衷心感谢参与本论文采访的圣保罗华人，没有他们的配合和支持，我不可能收集到足够的材料进行研究分析。

感谢巴西国家科学技术发展委员会（CNPq）提供的奖学金。

最后，衷心感谢父母这两年对我的关心、理解和支持，没有他们的对我的鼓励和支持，我也无法完成现在的硕士学业。

RESUMO

BI, M.Y. **Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado - interlíngua e marcadores discursivos**. 2013. 103 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação tem por objetivo discutir aspectos da imigração dos chineses em São Paulo e analisar a língua portuguesa falada pelos imigrantes. Com o desenvolvimento da comunicação e da sociedade, movimentos migratórios foram se tornando cada vez mais dinâmicos no palco mundial. A ampliação de políticas migratórias relativamente livres e o desenvolvimento acelerado tornaram o Brasil um dos destinos mais populares para os chineses. Os chineses, especialmente os do litoral, com tradição de emigrações, constituíram-se elementos atuantes na sociedade paulistana, em especial no comércio. Para os imigrantes mais antigos, os principais problemas enfrentados foram relativos à dificuldade em aprender o idioma. Como a maior parte faz negócios, é obrigatório comunicar-se com os clientes brasileiros, o que, depois de alguns anos no Brasil, favorece que se comuniquem sem grandes problemas no dia-a-dia. Os estudos de Fishman sobre as etapas de transição para um estado monolíngue indica que esse processo ocorre dentro de três gerações (FISHMAN, 1966,1988). Também há quatro etapas que conduz do bilinguismo ao monolinguismo, sendo este o do português (TARALLO e ALKMIN, 1987, p.67). Como é fato a expansão da imigração chinesa ao Brasil nas últimas décadas, a maioria dos imigrantes chineses em São Paulo é da primeira ou segunda geração. Isso significa que a língua dominante em sua vida ainda é a língua chinesa, no entanto já está em curso um período de transição do bilinguismo para o monolinguismo. Para o estudo da língua portuguesa falada pelos chineses em São Paulo, focalizo os marcadores discursivos. As funções discursivas estão presentes na língua de contato desde muito cedo, tão logo os falantes saem da fase de palavras isoladas ou de frases muito curtas e começam a usar um discurso mais longo, com narrativas, descrições e argumentações mais fluentes. Os marcadores são interessantes, pois mostram um comportamento distinto, via funções diferenciadas. Os resultados apontam que os falantes com mais proficiência usam mais marcadores com a função de organizar, reformular ou articular o texto, e os com menos proficiência usam marcadores para checar a própria interação, quer dizer, para se certificar que está sendo compreendido.

Palavras-chaves: língua dos imigrantes chineses; marcadores discursivos; aquisição de segunda língua.

ABSTRACT

BI, M.Y. **Chinese immigration in São Paulo and their spoken Portuguese – Interlanguage and discourse markers**. 2013. 103 f. Thesis (Master). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

This thesis aims to analyze the Chinese immigration in Sao Paulo and the spoken Portuguese language by immigrants. With the development of communication and society, migratory movements are becoming more and more dynamic on the world stage. The expansion of free migration policies and the relatively rapid development made the Brazil one of the most popular destinations for the Chinese. The Chinese especially who are from the cost with the tradition of emigration constituted active elements in Sao Paulo society. For the older immigrants, the main problems were related to the difficulty in learning the language. But because many of them do business, which require to communicate with the Brazilian customers, so after a few years in Brazil, they do not have big problems in communication in the daily life. The studies of Fishman about the steps to transition to a monolingual state indicate that this process occurs within three generations (Fishman, 1966, 1988). There are four steps leading from biligualism to monolingualism, which in this case is Portuguese (TARALLO and ALKMIN, 1987, p.67). Because of the expansion of Chinese immigration to Brazil began in recent decades, most of the Chinese immigrants in Sao Paulo are in the first ou second generation. This means that the dominant language in their lives is still the Chinese language, however their language is in transition from bilingualism to monolingualism. To study the spoken Portuguese language by the immigrants in Sao Paulo, I focus on the discourse markers. The discursive function are present in the contact language very early, as soon as the speakers left the phase of single words ou very short sentence and begin to use a longer speech, with narratives, descriptions and arguments. The markers are interesting because they indicate diferent behaviors. They perform distinct functions. The results show that the speakers with more proficiency use more markers with the function of organizing or of articulating the text, and when the speakers with lower proficiency, they use more markers to verify the interaction.

Keywords: the language of Chinese immigrants; discourse markers; second language acquisiton.

概要

毕梦吟. **圣保罗中国移民和他们的葡萄牙语口语表达-语言间交汇和话语标记.** 2013. 103 页. 硕士论文. 哲学、文学和人文科学学院, 圣保罗大学, 圣保罗.

本论文旨在研究圣保罗的中国移民和他们的葡萄牙语口头表达中体现的文化交汇和话语标记。随着社会和通信发展，人口迁移在世界舞台上越来越活跃。因巴西移民政策的相对宽松和快速的经济发展，使巴西成为中国移民的热门国家之一。中国移民，尤其是沿海一带有着移民传统的华人也逐渐构成了圣保罗社会的积极组成部分。对于很多移民来说，主要面临的问题就是学习当地的语言。因为大多数移民从事贸易领域，所以必须和当地巴西人进行沟通和往来，一般他们在巴西生活几年后能够进行日常对话沟通。根据 Fishman 的有关研究，从多语状态过渡到单语状态需要三代人的时间(FISHMAN, 1966,1988)。同样以葡语为例，从双语转变成单语也需要四个步骤(TARALLO 和 ALKMIN, 1987, p.67)。由于中国移民在近十几年大量移民巴西，所以大多数在圣保罗的中国人都是第一代或者第二代移民，这意味着在生活中占主导地位的语言仍然是中文，但是已经开始从双语逐渐转向单语。就圣保罗中国移民的葡萄牙语口语情况，我着重研究话语标记。话语标记的作用在语言接触早期就有所体现，当语言表达更加流利以后，尤其是在叙述、描写和议论时，则会使用更加复杂的话语标记。话语标记的研究可以通过差异化体现不同的作用。经研究表明，对葡萄牙语表达越熟练的中国移民会使用更多组织和连接类的话语标记，反之相对较不流利的人会使用更多互动类的话语标记来确保听话人的注意力。

关键词: 中国移民的语言特征;话语标记;第二外语的习得

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da China.....40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra dos falantes entrevistados e suas diferenças na comunicação.....81

Tabela 2 – Emprego dos Requisitos de Apoio Discursivo.....87

Tabela 3 – Contraste de usos dos Requisitos de Apoio Discursivo entre os sexos.....87

Tabela 4 – Emprego dos Marcadores de Hesitação.....89

Tabela 5 – Constraste de usos dos Marcadores de Hesitação entre os sexos.....90

Tabela 6 – Emprego dos Marcadores dos Sequenciadores.....91

Tabela 7 – Constraste de usos dos Marcadores de Sequenciadores entre os sexos.....92

Tabela 8 – Emprego de marcador “Assim”.....93

Tabela 9 – Constraste de usos de marcador “Assim” entre os sexos.....93

Tabela 10 – Emprego de marcadores de “Ah”, “Bom” e “Olha”.....95

Tabela 11 – Constraste de usos de marcador “Ah” entre os sexos.....95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO/11

CAPÍTULO I: MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E A IMIGRAÇÃO CHINESA PARA O BRASIL/14

1.1 IMIGRAÇÃO INTERNCIONAL/14

1.2 URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E CHINESA/21

1.3 GLOBALIZAÇÃO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO/26

1.4 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NO CASO DO BRASIL/32

CAPÍTULO II. A IMIGRAÇÃO CHINESA EM SÃO PAULO/36

2.1 SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES CHINESES EM SÃO PAULO/40

2.2 AS IMIGRANTES CHINESAS EM SÃO PAULO/44

2.3 A LÍNGUA DOS IMIGRANTES CHINESES/48

CAPÍTULO III: ASPECTOS METODOLÓGICOS/53

3.1 A FORMA DE REGISTRO/54

3.2 TEMAS PRIORIZADOS E ORGANIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS/56

CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS DADOS/58

4.1 MARCADORES DISCURSIVO-CONVERSACIONAIS DE PORTUGUÊS/58

4.2 MARCADORES CONVERSACIONAIS DO CHINÊS/68

4.3 CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES/74

4.4ANÁLISES DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVO-CONVERSACIONAIS USADOS/84

CONCLUSÃO/98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/102

INTRODUÇÃO

Devido à globalização e ao desenvolvimento da sociedade, tem-se a impressão de que o mundo está se tornando cada vez menor. Países, como o Brasil e a China, parecidos quanto à dimensão, a despeito de ficarem em lados opostos do planeta, têm intercambiado um grande fluxo de migrantes.

Esse tema suscita uma série de questões, com recortes específicos. No primeiro capítulo, apresentam-se as principais teorias sobre migração internacional, informações sobre a urbanização dos dois países bem como a divisão sexual[1] do trabalho.

No segundo capítulo, referimo-nos a uma breve história sobre a imigração chinesa para o Brasil e, na sequência, sobre a situação geral dos imigrantes chineses em São Paulo. Explano que um relevante motivo para os imigrantes chineses fixarem residência em São Paulo, onde há a maior quantidade de imigrantes, é justamente a gama de oportunidades econômicas. Embora a história da imigração para o Brasil tenha completado 200 anos, o grande fluxo da imigração chinesa só começou a partir dos anos 50 do século passado, especialmente depois de lançar a política de reforma e abertura que abriu a porta da China para estrangeiros.

É preciso esclarecer que, embora haja uma grande quantidade de chineses na cidade São Paulo, a impressão que se tem – mesmo da parte de habitantes da cidade – é que eles se apresentam parcamente integrados à sociedade paulistana. Muito dessa percepção pode ser atribuída a características próprias desse grupo que são "ter olhos

[1] Neste trabalho, faz-se o emprego indistinto de sexo e gênero para referência a dois grupos sociais comumente conhecidos bipartidamente como mulheres e homens.

puxados" e se concentrarem principalmente na Rua 25 de Março. Ao mesmo tempo, esses traços peculiares, contraditoriamente, são os mesmos que lhes permitem desempenhar um papel cada vez mais dinâmico nessa mesma sociedade até porque se confundem com outros imigrantes já integrados à dinâmica da cidade, tais como os japoneses e os coreanos.

Essa contradição pode ser evidenciada no tipo de atividade escolhida por esses imigrantes. Na maioria das vezes, esses chineses engajam-se em atividades derivadas do trabalho com negócios de importação e exportação, o que, num primeiro momento, sugere contatos intensos com pessoas nas duas pontas do negócio.

É de notar que os papéis assumidos por homens e mulheres na divisão de trabalho, na China, acabam por sofrer impacto dessa nova ordem mundial de imigração. Por essa razão, discutimos o estatuto dos papeis desempenhados pelas imigrantes chinesas neste novo espaço brasileiro de atuação.

Os chineses que passam a habitar essa cidade possuem um perfil bem delineado: normalmente originam-se de províncias ao sul da China, onde se concentra uma variedade de dialetos considerável, por isso, mesmo favorecendo que uma língua franca que não sua língua materna os ligue em situações diversas. A língua que assume esse papel é o mandarim, que foi denominado oficialmente em 1955, e em 6 de fevereiro de 1956, o Conselho de Estado da China lançou a política de promover o mandarim, e desde esse rótulo foi aplicado amplamente.

Para os migrantes chineses, os principais problemas são sempre relacionados à língua, porque é ela a única entrada para eles se integram na sociedade brasileira.

No terceiro capítulo, explicaremos os aspectos metodológicos. Para o estudo da língua portuguesa falada pelos imigrantes chineses, procedemos ao trabalho de campo e de recolher, via inquéritos orais, entrevistas registradas em áudio. Esse *corpus* serviu de base para que percebêssemos que havia um componente relevante que poderia ser a forma de apreensão da correlação entre fluência linguística e inserção social, os marcadores conversacionais.

No quarto capítulo, iniciado com a análise das transcrições das entrevistas, feitas com os imigrantes chineses em São Paulo, verticalizamos o estudo dos marcadores discursivos, pois é objetivo precípuo compreender se haveria, como observáramos inicialmente, uma correlação entre graus de fluência e uso desses marcadores. A metodologia é inspirada no trabalho de Macedo (2000), que analisou as variações dos marcadores na língua portuguesa produzida pelos integrantes das comunidades do Alto Xingu.

Em suma, através desta dissertação, pretendemos apresentar a situação geral dos imigrantes chineses no Brasil, especificamente em São Paulo, bem como aspectos de suasinterlínguas e do uso de marcadores discursivo-conversacionais manifestados pelos imigrantes.

CAPÍTULO 1:

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E A IMIGRAÇÃO CHINESA PARA O BRASIL

1.1 Imigração Internacional

Movimentos migratórios existiram desde sempre, numa grande variedade de circunstâncias e motivos. Arriscam alguns dizer que a origem desses movimentos é tão antigo na raça humana que já era fato no período correspondente ao *Homo erectus*, e que o mesmo ocorreu com o *Homo sapiens* ao sair da África, através da Euroásia, para o norte do Himalaia.

Hoje em dia, o termo *migração* também é cada vez mais ouvido e estudado. De acordo com uma pesquisa da UNESCO realizada entre 1998 e 1999, havia cerca de 120 milhões de pessoas vivendo fora de seus países de origem. Em geral, suas motivações continuam a ser as mesmas de décadas passadas: insegurança material e física, intolerância, exclusão econômica e política, repressão, catástrofes e transtornos diversos, conflitos e guerras.

O fenômeno de migração compreende dois movimentos, o da emigração e o da imigração. Na opinião de Sayad (1998), tratar de imigração pressupõe ter em mente que a imigração subentende uma prévia emigração, ou seja, para uma pessoa tornar-se imigrante terá sido antes, necessariamente, emigrante.

Quando se fala em *imigração*, não pode deixar de explicar a diferença entre "estrangeiro" e "imigrante". Apesar de ambos os termos terem um sentido de não pertencimento a um grupo de referência determinado, uma diferença é clara entre ambos. Essa diferença reside na intenção ou decisão de permanência ou residência

num país estrangeiro. A esse respeito, Lopes (2009) explana que "o estrangeiro é apenas o outro, o imigrante é aquele que veio para se estabelecer. Trata-se de uma palavra que indica movimento, ação, muito embora a condição de imigrante permaneça após concluído o ato de imigrar.". Ilustra essa diferença a situação do turista, que não é considerado imigrante, porque está num país estrangeiro apenas de passagem. Segundo Sayad, é preciso refinar essa distinção do seguinte modo:

> Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até se fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira deixa de ser um estrangeiro comum para tornar-se um imigrante. Se "estrangeiro" é a definição jurídica de um estatuto, "imigrante" é antes de tudo uma condição social" [...] . É um "critério social que faz do estrangeiro um imigrante". (SAYAD, 1998, p.243)

Dessa forma, o imigrante é o estrangeiro que veio para ficar, para utilizar as estruturas sociais e competir no mercado de trabalho do país de destino.

Essa distinção traz em si uma gama de outras problemáticas derivadas de uma aparente simples migração. Os movimentos migratórios constituem-se atividades complexas e controversas que têm tanto origem em fatores sociais e econômicos quanto produzem importante impacto nessas mesmas esferas.

De acordo com Sayad (1998), a expansão econômica surte na sociedade grande demanda de mão-de-obra imigrante e, contrariamente ao que se pensa, a própria sociedade a acolhe de maneira positiva, pois reconhece nesse evento a utilidade econômica e social. Os imigrados instalam-se e convivem num estado de provisoriedade. É justamente esse estado provisório ou esse sentimento de que se é provisório o tempo de permanência ali em que se baseia Sayad para atribuir um caráter dissimulado ao imigrante. É essa sensação de provisoriedade que liberta o imigrante de sua própria verdade:

> [...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente, ou ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um imenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998, p.45)

É tomando por base essa ideia que Sayad (1998) discute o "paradoxo da imigração", que prevê dois eventos fictícios: (i) a *ficção do retorno* (porque, depois de um certo tempo, o retorno revela-se, na prática, impossível); e (ii) a *ficção da naturalização* (que nem sempre se satisfaz apenas sob a perspectiva jurídica, uma vez que são também necessárias condições políticas, sociais e culturais para sua realização de forma satisfatória). A frustração de um desses eventos naturalmente conduz à realidade de que o imigrante detém um estatuto sociocultural híbrido.

Próxima a essa ideia estão os argumentos de Lopes (2009), que propõe três ilusões associadas que distorceriam o imaginário social: a ilusão de provisoriedade, de legitimação da presença exclusivamente pelo trabalho e de neutralidade política.

Hoje em dia, podemos perceber que a sociedade moderna não é mais diferenciada somente por classes, mas também por etnia, idade, sexo ou outras formas de segmentação. Nesse sentido, a identidade dos imigrantes na sociedade ganha em relevância porque é um atributo satisfatório que propicia a interação com outras pessoas e grupos de pessoas. Daí Lopes (2009, p.38) afirmar que o imigrante teria uma importante tarefa de construir uma ponte cultural, pois, a partir de sua presença, o povo autóctone poderá entrar em contato com a sua cultura.

A relação entre os estabelecidos e os *outsiders* nos movimentos migratórios também não se demonstra fácil de entender. Segundo Nobert (2000), há uma divisão clara entre os grupos que integram esse rótulo. Um grupo já estabelecido de longa data considera o de mais recente imigração como pessoas de menor valor humano. Nessa relação, *outsiders* (superiores) encaram com preconceito a presença de imigrantes mais recentes (inferiores).

Ilustra essa atitude o relato contido no estudo de Winston Parva (ELIAS & SCOTSON, 2000), em que moradores mais antigos de uma área consideravam-se humanamente superiores aos residentes de formação mais recente. Esse era motivo suficiente para que tratassem os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como "os de fora", o que fazia cindir os grupos e o único contato eram as fofocas entre pessoas nas comunidades.

Sayad referenda essa ideia fazendo compreender que uma das razões que contribuem para essa cisão do grupo é também a forma de inserção profissional:

> [...] os imigrantes recém-chegados, faixa situada na parte inferior da hierarquia interna da população imigrante (seria ingênuo acreditar que essa população é desprovida de toda

> hierarquia e de toda diferenciação social), estão mais inclinados a aceitar os trabalhos mais penosos, menos estáveis, menos remunerados etc. (SAYAD, 1998, p.64).

De outra perspectiva, pode-se analisar a relação entre a comunidade de origem e de destino. É nítido que os grupos migratórios mudam de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos que apresentem naquele momento uma melhor condição que a oferecida no país de origem, tal como reconhece Sayad (2000, p.48) ao afirmar que "aí está a significação essencial desse duplo fenômeno da emigração (emigração a partir de países "pobre" em trabalho assalariado) e da imigração (imigração para países "pobres" em mão de obra e, portanto, relativamente "ricos" em empregos)".

Uma outra tipologia sobre migração diz respeito ao modelo defendido por Tilly (1990). Segundo esse autor, é possível categorizar esse movimento em: *migração colonizaddora* ilustrada pela migração de portugueses da Europa para o Brasil no século XVI; *migração coagida*, representada por aquele tipo de saída obrigatória, tal como ocorre com os refugiados de guerras; *migração circular*, exemplificada pelo movimento de duas direções por uma mesma massa, tal como ocorre com os imigrantes que voltam ao país de origem depois de um período de atividade no país de destino; *migração corrente*, que envolve indivíduos relacionados que mudam de um lugar para outro depois de assistências e informações oferecidas pelas pessoas no país destino; *migração de trabalho*, ilustrada pelo movimento dos que imigram por melhores condições e oportunidades de emprego ou posições no mercado de trabalho.

Do ponto de vista jurídico, a migração ainda pode ser classificada em: a legal e ilegal. A imigração legal é aquela que ocorre nos termos da lei do país receptor, e geralmente em prol de seu interesse. Dentro da imigração legal, existem várias categorias de imigrantes. Os mais privilegiados são aqueles que possuem qualificações profissionais desejadas por determinada empresa. Esses são geralmente bem-vindos e bem tratados (LOPES, 2009, p.42). Um estágio intermediário é o da mão-de-obra temporária. Embora sejam imigrantes legais, em muitos casos há a proibição de se mudar de emprego ou de empregador, sob a pena de cassação do visto de permanência ou de trabalho.

Os imigrantes ilegais são os principais alvos de exploração e de exclusão. Existem os imigrantes "clandestinos", que, segundo Magalhães (2011), são os que entram sem permissão em um dado território; e os ilegais são os que cruzaram a fronteira sem permissão e aguardam que as brechas da lei, tais como tempo de habitação, nascimento de filho ou mesmo o benefício da anistia, lhes concedam permissão para legalizar sua permanência definitiva em dado território. Nessa categoria, poderiam ser incluídos aqueles que entram como turistas ou autorizados para uma determinada espécie de trabalho, mas que, durante esse período, mudam a forma de atuação profissional ou mesmo a área de atuação autorizada. Também se encaixam nesse conjunto os que excedem o período de permissão legal para sua permanência[2].

Dado que a migração de longa distância implica assumir riscos incontornáveis que afetam a segurança individual, o conforto, o rendimento e as

[2] Essa diferenciação por vezes é tão complexa que, a fim de evitar uma confusão indesejável ou mesmo algum equívoco no uso dessa nomenclatura, surge o termo indocumentados.

relações sociais possíveis (TILLY, 1990), a *rede*[3] é considerada uma saída suficiente para minimizar esses efeitos nocivos.

Há várias abordagens teóricas que explicam movimentos migratórios com base no estabelecimento da rede. Todas, contudo, consideram que a *rede* fornece informações relevantes para minimizar riscos. Por isso, a maioria dos migrantes de longa distância, em qualquer lugar do mundo, busca as principais informações para tomar a decisão de migração através dos membros da sua rede interpessoal. É essa rede que será responsável por assistir o migrante em suas ações de mudança ou mesmo de assentamento no país de destino. Não é incomum que as *redes* ofereçam outros tipos de assistências, tais como apresentar oportunidades de empregos.

As *redes* podem criar categorias novas de auxílio mútuo, mas isso depende do tamanho, da densidade e das relações com outros grupos da rede. Por outro lado, a *rede* atua na transformação das categorias existentes através da religiosidade, do nacionalismo e das políticas. A despeito de consubstanciar a solidariedade, as redes podem, contraditoriamente, causar conflitos étnicos, tal como argumenta Olzac (1985, p. 3):

> is that increased levels of competition between two ou more ethnic groups cause increases in ethnic collective action. This happens because two processes coincide. First, strongly bounded ethnic enclaves encourage high levels of ethnic identification and reaffirmation to cultural values, languages, and other characteristics that set members apart from others. Second, growth causes enclave communities to expand into

[3] *Rede* é um conceito que se aplica a qualquer movimento migratório, quando se tem no local de destino amigos, ex-vizinhos ou colegas que já tenham estabelecido boas relações com o destino.

> job, housing and other markets monopolized by the majority, causing levels of ethnic competition to rise. That is, levels of mobilization rise due to the fact that ethnic solidarity and competition are both high. It is the shifting dynamic of ethnic enclave solidarity couples with rising levels of ethnic competition that raises the potential for ethnic conflict.

Esses conflitos surgem da interação com outros grupos, especialmente inimigos e competidores. A rede também causa uma certa forma de desigualdade. Os membros do grupo de imigração exploram os recém-chegados, porque estes mostram-se numa situação fragilizada e aqueles não têm a coragem de explorar os nativos. Também por essa razão a inclusão pode constituir em exclusão. É o que defende Tilly (1990, p.92).

1.2 Urbanização brasileira e chinesa

Urbanização é o aumento proporcional da população urbana em relação à população rural. Somente na segunda metade do século 20, o Brasil tornou-se um país urbano, ou seja, mais de 50% da população passou a residir nas cidades. A partir da década de 1950, o processo de urbanização no Brasil tornou-se cada vez mais acelerado. Isso se deve, sobretudo, à intensificação do processo de industrialização brasileira ocorrida a partir de 1956.

Observa-se, ainda nos últimos anos, que as aglomerações urbanas nascidas das novas lógicas territoriais têm um tamanho bem maior do que nos

períodos anteriores. Isso pode ser atribuído ao fato de as técnicas da produção e da circulação e o uso dos novos meios de transporte e informação permitirem a uma boa parcela da população vencer as mesmas distâncias em tempo menor. (SANTOS, 2002, p.279).

Num contexto geral, o Brasil apresenta um crescimento demográfico rápido, pois possuou de 41 milhões de habitantes em 1940 para perto de 120 milhões em 1980. A população das cidades têm também crescido muito mais rapidamente ainda do que a população total, sendo que a taxa de urbanização passou de 31% em 1940 para 65% em 1980. Esse fenômeno permite compreender que, essencialmente, houve uma redistribuição da população entre os campos (área mais rual) e as cidades (área mais urbana).

Essa situação deve evidentemente ser relacionada com a intensidade e os mecanismos de crescimento da industrialização cada vez mais ligada ao impacto do investimento estrangeiro no Sudeste do país e mais especificamente nas grandes cidades dessa região (ROCHEFORT,1998, p.94).

É importante analisar a distribuição populacional com base na complexidade da rede urbana brasileira. Isso é fundamental para a elaboração das políticas sociais e econômicas no país, pois as políticas de saúde, transporte, saneamento, dentre outras são diferentes entre os municípios. O acesso ao mercado de trabalho, o grau de escolarização, empregos mais qualificados, maior proporção de ocupados com alto rendimento, participação feminina no mundo do trabalho e no acesso à educação superior, entre outros aspetos sócio-culturais, influenciam de forma significativa a mudança demográfica.

No sudeste brasileiro, particularmente no Estado de São Paulo, parece que a política das cidades médias tem um coeficiente de êxito importante que permite uma desconcentração das fábricas das principais empresas industriais da metrópole (ROCHEFORT,1998, p.101). Muitas empresas, quer nacionais quer internacionais, localizam-se nos municípios perto da cidade São Paulo e que aproveitam as vantagens dessa grande cidade, ao mesmo tempo em que se beneficiam do custo mais baixo de operação e de espaço físico nas cidades satélites.

De acordo com Milton Santos, o "valor" de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Por isso, as cidades mais globalizadas são mais valorizadas.

São Paulo, de acordo com o censo 2010 do IBGE, até primeiro dia de agosto, conta com uma população de 190.732.694 pessoas, segundo a mesma fonte, o município de São Paulo tem a população de 11.244.369 pessoas em 2010, isso mostra que 58.9% da população do Brasil inteiro se concentra no município de São Paulo.

Por parte da China, um dos mais importantes fenômenos da contemporaneidade é o processo de urbanização que lá se desenvolve. São dezenas de cidades com mais de 10 milhões de habitantes que surgem de maneira quase instantânea nos anos 90.

Segundo a Associação de Prefeitos da China (AAC)[4], a taxa de urbanização da China chegou a 51,3% no final de 2011. Os habitantes das cidades (690,7 milhões) ultrapassaram os moradores das áreas rurais (656,5 milhões) pela primeira vez na história. O relatório de Desenvolvimento Urbano da China de 2011

[4] Associação de Prefeitos da China foi estabelecida em 1991, e aprovada pelo Conselho de Estado. A instituição organizou especialistas e acadêmicos a fim de compilar o Relatório de Desenvolvimento Urbano da China desde 2011.

mostrou que, até fim do ano passado, o país contava com 30 cidades cuja população permanente superava oito milhões e com 10 cidades cuja população era mais de 10 milhões.

A imigração da população para as cidades foi estimulada pelo governo chinês, e um dos seus subprodutos tem sido a criação de uma classe média urbana e consumidora estimada em 250 milhões pessoas (18.5% da população).

Diferentemente dos países ocidentais, a China não era industrializada nem urbanizada. Isso ocorreu por conta das políticas de Mao Zedong[5] que favoreciam a agricultura de subsistência, o que manteve uma grande população fixada no campo.

Durante os anos de 1966 e 1976, ocorreu a Grande Revolução Cultural Chinesa, que foi uma profunda campanha político-ideológico realizada pelo líder do Partido Comunista chinês, Mao Zedong, cujo objetivo era neutralizar a crescente oposição que lhe faziam alguns setores menos radiciais do partido. A campanha foi acompanhada por vários episódios de violência, cujos alvos foram membros mais alinhados do partido com o Ocidente e, sobretudo, intelectuais.

Essa situação só mudou completamente a partir de 1978, quando o segundo presidente Deng Xiaoping promoveu uma série de reformas de abertura, que tornaram a China mais acessível aos demais países. O objetivo da política era transformar o país em uma "Economia Socialista de Mercado", o que acabou ocorrendo de forma oficial em 1992.

Os recursos financeiros e materiais dispendidos na construção dessas novas cidades tais como Shanghai, Guangzhou, Shenzhen, vêm produzindo grandes

[5] Mao Zedong também é conhecido como Mao Tse Tung. Mao Zedong é transcrito em Pinyin, que é um sistema de romanização para o mandarim, lançado a partir do ano 1958.

transformações por todo o planeta. A China agora é a segunda economia do mundo, e uma das que mais cresce. Seu processo de urbanização foi uma das causas das altas taxas de crescimento do PIB. No entanto, durante esse processo de urbanização, há um sistema chamado Hukou que limita a imigração interna das pessoas. Hukou é um sistema criado pelo governo para controle de mobilidade geográfica, que é um registro de residência que surgiu na antiguidade para dificultar o descolamento dos chineses, que precisavam de autorização para mudar de sua região original, parecendo um passaporte interno.

Com a intensificação do processo de urbanização e a consequente saída de camponeses para as cidades, o sistema começou a perder sua razão de ser, no entanto ainda está forte. Por exemplo, as crianças somente podem ir às escolas na região de seu Hukou, não podem ser transferidas para outras cidades, mas as crianças com identidade brasileira como as que nasceram no Brasil, só podem ir à escola particular se quiserem ter acesso à educação; para os trabalhadores, quem tem Hukou em determinada cidade tem sempre mais benefícios em procurar empregos naquela cidade. Como a distribuição dos recursos é desequilibrada, as crianças nas cidades grandes têm muito mais acessos à boa educação. As pessoas que têm Hukou em Pequim ou Xanghai têm mais vantagens em procurar trabalho, tem acesso à educação, à saúde, entre outros serviços. Por isso, muitas pessoas do campo, especialmente perto dos litorais tentaram a emigrar, a fim de buscar melhores oportunidades.

Por outro lado, atualmente o crescimento urbano se afasta do litoral e se dirige para o oeste da China.

O processo de urbanização da China tornou-se uma das principais fontes de conflitos sociais no país, com milhões de famílias expulsas de suas casas para dar

lugar a empreendimentos imobiliários. Sem ter para onde avançar, as cidades crescem por meio de derrubada de antigas construções ou da incorporação de áreas agrícolas.

Apesar de a China possuir uma Lei da Propriedade desde 2007, que tem o objetivo de garantir o direito dos cidadãos nos processos de demolição e urbanização no país, sua aplicação enfrenta a resistência de uma série de interesses poderosos que lucram com a venda do direito de exploração da terra.

Por outro lado, embora a urbanização chinesa tenha trazido uma grande mudança na sociedade do país, ainda existe uma insuficiência de infraestrututa e um sistema de garantia dos cidadãos, especialmente os que habitam nos campos. Por isso, muitos cidadãos dos campos, especialmente do litoral, lutam continuamente para conseguir oportunidades para imigrar.

1.3 Globalização e divisão sexual do trabalho

O termo globalização, com certeza, não é algo novo para o mundo. Embora seja mais conhecido desde o final do século XX, sua raiz está na longa história do capitalismo, da escravidão, da colonização e da descolonização. No entanto, hoje em dia, o processo de globalização está produzindo transformações cada vez mais profundas em todas as sociedades.

Nas últimas três décadas, intensificou-se o processo de globalização em diferentes dimensões, seja ela a econômica, a social ou a política e a cultural. Num plano econômico, a globalização refere-se à intensificação dos intercâmbios internacionais, causando um grande fluxo dos bens e serviços entre países geograficamente próximos ou distantes.

Mesmo que a globalização e os seus processos de multiplicidade tenham contribuído para o crescimento econômico de vários países, os benefícios não têm sido distribuídos de forma igualitária (BENERIA, GROWN, MACDONALD, 2000). Existe uma grande diferença entre benefícios de emprego se se comparam países desenvolvidos, subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento. Mas não é só: entre países encaixados num mesmo patamar de desenvolvimento, notam-se, similarmente, diferenças nesse quesito.

Pesquisas feitas a respeito das consequências da globalização sobre o emprego (cf. FALQUET, HIRATA, LAUTIER, 2006) registraram um crescimento mundial, com raras exceções, do emprego assalariado e do trabalho remunerado das mulheres. Observa-se uma participação crescente das mulheres no mercado de trabalho, tanto no setor formal quanto nas atividades informais. Da mesma forma, revela-se um novo incremento dos empregos no setor dos serviços (HIRATA, 2009).

Por outro lado, um terço dos lares no mundo começa a não ser mais dirigido por homens, e sim por mulheres que são motivadas por razões diversas. Há, todavia, uma causa destacada para esse movimento: a globalização modifica profundamente o equilíbrio de relações tradicionalmente conduzidas dentro do próprio país, introduzindo física ou pontualmente cada vez mais estrangeiros que contribuem (FALQUET, 2008). Assim, não é estranho que uma empresa norte-americana tenha suas bases de produção no Oriente, assim como não é impossível imaginar que mulheres e crianças possam desempenhar funções consideradas há muito pouco tempo exclusivas do universo masculino.

Entre os imigrantes, uma considerável proporção da imigração é feminina. Ravenstein (*apud* FALQUET, 2008), no entanto, mostrou que isso não era exceção,

pois, desde 1885, em curtas distâncias, as mulheres já migravam mais que os homens. Hoje, torna-se quase impossível escamotear esta questão: a própria ONU afirma que a metade das migrações internacionais é feita por mulheres (que continuam também a se deslocar no interior de cada país) (FALQUET, 2008).

Considerando-se os empregos segundo as diferenças de gênero, sabe-se que as migrações internacionais femininas representam um dos fatores que fortalecem o movimento de precarização do trabalho das mulheres (HIRATA, 2009). Hoje, há uma gama de trabalho que evidencia uma continuidade entre emprego doméstico e diversas formas de prostituição. Essas duas atividades são quase que, de forma categórica, exercidas sucessiva ou simultaneamente por imigrantes femininos que compartilham um traço comum (OSO, 2003): todas são mulheres "sozinhas" (MOUJOUD, 2007), as quais, sobretudo pelas próprias leis de imigração e do trabalho, são conduzidas para a ilegalidade e clandestinidade. Isso se reforça, por exemplo, quando consideramos o fato de que mulheres recebem visto de "dependente" do marido ou do pai, mas permanecendo no logal de imigração e expirando o prazo desse visto, resta-lhes a condição ilegal.

Os motivos para a migração feminina são diversos, mas invariavelmente são motivados pelo próprio alargamento do horizonte para as mulheres, por contatos e resultados exitosos de imigrações conhecidas e mesmo pela simples razão de almejar uma vida ou emprego melhor. Qualquer que seja o motivo original, a realidade é uma só: quanto mais mulheres de uma comunidade emigram, mais outras tantas vão emigrar também (HOCHSCHILD, p.28):

> Woman plays an increasing role in all regions and all types of migration. In the past, most labor migrations and many refugee

> movements were male dominated, and women were often dealt with under the category of family reunion. Since the 1960s, women have played a major role in labor migration. Today women wonders form the majority in movements as diverse as those of Cape Verdians to Italy, Filipinos to the Middle East and Thais to Japan. (HOCHSCHILD, p.19)

No entanto, existe sempre a desigualdade entre os homens e mulheres, tanto no mercado de trabalho, quanto na família e na esfera doméstica. Essa diferença de estatuto também tem sido o objeto de preocupação crescente na sociedade.

À divisão social do trabalho subjazem dois princípios organizadores: (i) o princípio de separação (há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres); e (ii) o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher).

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações entre os gêneros; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre esses mesmos gêneros. As características que segmentam esses dois grupos na sociedade do trabalho são aquelas que designam prioritariamente ao homem uma atribuição na esfera produtiva e às mulheres na esfera reprodutiva. Quanto ao valor social dessas duas esferas, é esperado que homens apropriem-se das funções com maior valor agregado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA, KERGOAT, 2008).

A participação da mulher no mercado de trabalho tem continuamente aumentado, mas as segmentações, horizontais e verticais, entre empregos masculinos e femininos, perduram. As desigualdades de salário é uma questão que persiste, e as mulheres continuam a assumir o trabalho doméstico como sempre. Assim, sua

condição permanece no mesmo patamar de diferança: a ainda que façam os mesmos trabalhos que os homens, elas ganham sempre menos do que eles.

De acordo com a opinião de Kergoat (2008), essa desigualdade não atinge as relações sociais entre os gêneros, a despeito de soar como uma contradição. De fato, o trabalho "no lar" libera o homem para a ascensão fora do lar. Adicionalmente, a mulher de alta renda ainda conta com a possibilidade de terceirização desse trabalho doméstico a outras mulheres.

Por outro lado, não é incomum que uma carga dobrada de trabalho seja efetuada gratuitamente pelas mulheres. E esse trabalho 'invisível' em favor dos outros é uma 'obrigação' atribuída à própria natureza, ao amor e ao dever materno. (HIRATA, KERGOAT, 2008, p.264).

Conforme Kergoat (2008), homens e mulheres coexistem continuamente, vivem juntos e "produzem vidas" juntos. Contudo, a teoria do laço social está longe de conseguir dar conta, por si só, do real observável: as violências (físicas e simbólicas) são cotidianas, o grupo dos homens legisla, em nome do universal, sobre vida do grupo das mulheres, explorando seu trabalho profissional e ainda extorquindo delas trabalho extra (o trabalho doméstico). Pelo fato de que, nesse último ponto, muitas mulheres cedam "por amor", nada muda a dura realidade.

Os trabalhos das mulheres têm quatro modelos principais: o primeiro é modelo *tradicional*, que é o papel na família e o papel doméstico assegurado inteiramente pelas mulheres ao lado do papel de provedor conferido aos homens; o segundo modelo é de *conciliação*, que ressalta a natureza essencialmene conflituosa da incumbência simultânea pelas mulheres das responsabilidades profissionais e familiares; o terceiro modelo é paradigma da *parceria*, que presume igualdades de

estatutos sociais entre os sexos, considerando-se mulheres e homens como parceiros em relações de igualdade, e não de poder; o quarto modelo é da *delegação*, cujo aparecimento deve-se à polarização do emprego das mulheres e ao aumento do número de mulheres em posição de altas funcionárias e em profissões intelectuais de nível superior (HIRATA, KERGOAT, 2008, p.270).

Reconhecer a predominância de um outro modelo na cultura de origem e as alterações para que esse enquadre fosse alterado na cultura de contato (região para a qual migrou) é uma questão que se coloca aqui. Se, na China – e historicamente no mundo –, uma grande parte das trabalhadoras femininas dedica-se a trabalhos domésticos, a partir das últimas décadas do século XX, uma reconfiguração desse quadro iniciou-se.

Uma das consequências, mesmo em sociedades orientais, é o aumento da demanda de trabalhadores domésticos, pois as mulheres conseguem achar novas oportunidades de empregos nas economias mais ricas. Muitas mulheres dos países asiáticos do sudeste, tais como nas Filipinas e na Tailândia, imigraram para os lugares próximos e mais desenvolvidos, como Hong Kong, Macau, Cingapura para atuar nessa área de trabalhos domésticos.

Muitas mulheres também vão trabalhar como cuidadoras de idosos, porque aparentemente elas têm relativamente menos a perder (quanto à relação de rendimento e estado social) do que os homens (LEE, 2010). Por outro lado, as mulheres têm mais talentos e paciência para desempenhar essa função de cuidar de pessoas.

No mercado de trabalho, além da desigualdade entre os sexos, também existe uma discriminação racial importante. Embora, hoje em dia, as regras tenham

mudado bastante e as discriminações sejam controladas e inadmissíveis, ainda assim as práticas reais continuam como antes. No mesmo gênero, existe uma corrente principal e uma parte marginalizada, aquela parte minoritária é sempre esquecida e ignorada, caindo na interseccionalidade. É exemplo disso o que ocorre com as mulheres negras nos Estados Unidos. As discriminações sofridas nos trabalhos não podem ser objetivamente nem atribuídos à raça, nem ao gênero e tampouco à classe.

No Brasil, especialmente em São Paulo, vive uma grande quantidade de imigrantes chineses. Eles têm as características comuns a de outros imigrantes já estabilizados na cidade. Ao mesmo tempo, também possuem características próprias e as mulheres desse grupo desempenham um papel diferente dos papéis masculinos, ao mesmo tempo em que também seguem padrões diferentes dos de outras mulheres imigrantes.

1.4 Migrações Internacionais no caso do Brasil

Os movimentos migratórios contribuem para a formação e composição de uma população. Foi o que ocorreu no passado com o Brasil e o que tem ocorrido a todo o tempo na constituição do povo brasileiro.

Podemos observar que a imigração no Brasil deixou marcas fortes em sua demografia, cultura e economia. Os portugueses foram os primeiros imigrantes a chegar ao Brasil, por volta de 1550, num contexto de colonização. Logo depois, iniciou-se o tráfico de escravos. Estima-se que cerca de 3 milhões de africanos tenham entrado no Brasil de 1550 a 1850 (GOULART, 1950).

A partir da segunda metade do século XIX, uma grande corrente de imigrantes europeus chegou ao Brasil, devido à implantação da cultura do café e à consequente necessidade de mão-de-obra para sua lavoura. Uma mudança na forma de migração é reconhecida com isso, conforme argumentam Patarra e Baeninger (1995, p. 79): "Desde modo, passou-se de um tipo de movimento migratório, ou seja, a imigração africana forçada, característico de determinada etapa do desenvolvimento econômico para a migração da força-de-trabalho livre de origem europeia".

Em 1875, o Rio Grande do Sul iniciou uma política de financiamento da imigração internacional e, por volta de 1886, o governo do Estado de São Paulo, que se beneficiou da cultura do café, também passou a subsidiar migrantes europeus, particularmente italianos.

Os anos 50 encerraram o período de vocação receptora da história brasileira, o período pós-1964 marcou a redução no número de imigrantes que entraram no Brasil. "Com a imigração estrangeira diminuindo progressivamente a partir de 1930, as próximas etapas da economia brasileira contariam com a participação das migrações internas para suprir a necessidade de mão-de-obra." (PATARRA, BAENINGER, 1995, p.80).

Como país em desenvolvimento, o Brasil enfrentou tanto a imigração de estrangeiros oriundos de países mais pobres quanto a emigração de brasileiros para países mais ricos, principalmente para os Estados Unidos e para o Japão.

Segundo Sales (1995), houve um surto de emigração de brasileiros durante os anos mais repressivos dos governos militares, período que pode ser caracterizado como ilustrativo da migração de refugiados, porém em pequeno número. A partir da crise dos anos 80, cada vez mais brasileiros deixaram o país à procura de

vida melhor em países estrangeiros. Começou a fuga da assim chamada "década perdida" :

> A chamada década perdida foi na verdade muito mais do que uma época de recessão econômica. Nela a sociedade brasileira se mobilizou e criou esperanças. O país se redemocratizou, segmentos da sociedade se organizaram politicamente, partidos e movimentos sociais foram criados, o povo foi às ruas para exigir eleições diretas para presidente, voltamos a exercer o direito do voto para eleger o presidente do Brasil. A inflação, o desemprego e a recessão não vieram sozinhos, mas junto com muitas perspectivas promissoras e até o vislumbre de saídas com o Plano Cruzado ou com as promessas políticas que se renovavam a cada eleição e a cada fator de mobilização popular. O fator político teve portanto um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se se consideram as esperanças e frustrações dos primeiros anos de nossa redemocratização. (SALES, 1995, p. 129).

Os dados divulgados sobre a emigração da população brasileira para outros países são muito imprecisos. De acordo com o Censo do ano 2000, um montante em torno de 1% da população brasileira emigrou para outros países (CARVALHO, 1996; Ministério das Relações Exteriores, *apud* PATARRA, 1996). Pelos dados do Ministério das Relações Exteriores, essa população tem se direcionado em maior proporção para os Estados Unidos (38%), seguido do Paraguai (30%), Japão (13%) e de vários países da Europa, os quais no conjunto representam cerca de 11%.

A segunda metade dos anos 80 representou o período em que se desencadeiam os fluxos da emigração brasileira em direção a outros países estrangeiros. Pela ótica da teoria neoclássica (BORJAS, 1990), as migrações internacionais são interpretadas como um jogo de mercado, e os migrantes como indivíduos economicamente racionais que procuram melhores oportunidades de vida. Quem emigra do Brasil para outros países não é da faixa mais pobre, mas da classe médio-baixa, que possui algum recurso e o aplica com vistas a escapar da força avassaladora do buraco-negro da miséria (LOPES, 2009, p.44).

Nessas massas migratórias, sempre houve a presença de grupos considerados 'invisíveis' para a sociedade receptora. No Brasil, não é discreta a distinção entre espanhóis e galegos, mesmo quando a Galícia não se considerava parte da Espanha. Os traços e o falar não permitiam essa distinção clara. Também não é incomum que não se faça a distinção entre chineses, coreanos e japoneses. Os traços orientais comuns opacizam as diferenças culturais e mesmo as motivações das migrações. Um grupo altamente invisível, mas cada vez mais presente na sociedade brasileira, é o composto por chineses. Sobre esse grupo migratório será dedicada a próxima seção deste trabalho.

CAPÍTULO II

A IMIGRAÇÃO CHINESA EM SÃO PAULO

A Ásia desde sempre foi palco de movimentos dinâmicos em imigração. Um terço ou mais de todos os imigrantes internacionais provieram desse Continente. A China também permite um paralelo nessa questão. Os destinos mais populares de imigração dos chineses são os países no Sudeste Asiático, tais como Malásia, Indonésia, Cingapura, dentre outros.

O Brasil tem atualmente, de acordo com a estimativa da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China e com o IBGE, aproxidamente 150.000 chineses. Esse índice de crescimento, no entanto está se acelerando de forma muito rápida.

Neste ano, 2012, a imigração chinesa no Brasil completou 200 anos. Conforme informações contidas em documentos históricos, o primeiro grupo de centenas de chineses trazidos para o Brasil migrou em 1812, por ordem de D. João VI, destinados à plantação de chá no plantio do Jardim Botânico e da Fazenda Imperial de Santa Cruz do Rio de Janeiro. Como no resto do mundo, no Brasil, a origem principal dos chineses imigrantes é das províncias litorais no sul da China, tais como Guangdong (Cantão), Fujian, etc., locais de clima semelhante ao do sudeste do Brasil.

Devido à política do abandono de tráfico de escravos, novas alternativas como mão-de-obra foram surgindo. É o caso dos *coolies*, termo de origem indiana, indicativo de raça inferior, significando *labor duro* em chinês.

Os coolies chineses foram uma substituição dos escravos, por receberem baixos salários e aceitarem trabalhar de forma árdua em tarefas pesadas. No entanto, nos anos 70 do século XIX, surgiu um sentimento antichinês, motivado, primeiramente pelo que representavam os *coolis*, ou seja, um novo sistema de escravidão; também essa rejeição se deveu ao choque entre as culturas ocidental e oriental. Posteriormente em 1881, o Brasil assinou um tratado amplo de "amizade, comércio e navegação" com a China, redundando na proibição da contratação de *coolies* chineses.

Em 1890, o recém-formado governo republicano brasileiro promulgou o decreto nº528, a fim de regularizar a entrada e localização dos imigrantes no Brasil. No entanto, em 1892, foi aprovada outra lei que é a de número 97, permitindo a entrada dos imigrantes chineses e japoneses no Brasil. Ainda assim, havia dificuldades para a imigração de não brancos, principalmente para os negros e asiáticos. Os imigrantes chineses passaram a trabalhar como vendedores ambulantes, cozinheiros ou pastelereiros.

Muitos foram os chineses que se tornaram pasteleiros justamente porque este era um tipo de comércio que exigia pouco capital e permitia ao vendedor trabalhar sozinho. Constituia-se, na verdade, um trabalho relativamente fácil para os que não tinham muito dinheiro e nem falavam bem a língua portuguesa.

Embora o Rio de Janeiro fosse a porta de entrada para os primeiros imigrantes chineses, a cidade de São Paulo foi o lugar da primeira entrada oficial de chineses. Em 15 de agosto de 1890, chegou um grupo chinês com trabalho confirmado e objetivo de ficar por longo prazo. O número de chineses, contudo, foi

muito pequeno, comparando-se com os outros grupos imigrantes italianos, alemães ou japoneses.

A imigração de grande fluxo começou somente depois de 1949. Durante 1949 e 1950, como ainda não terminara a guerra civil entre os partidos comunista e nacionalista, a livre chegada a Hong Kong era fato corriqueiro. Se os chineses migrassem para o Brasil a partir de Hong Kong, tudo se tornava mais fácil. A explicação para isso é que, sendo Hong Kong colônia da Inglaterra naquele período, um visto brasileiro seria facilitado pelas relações entre Brasil e Inglaterra.

Anos mais tarde, em 1974, a China estabeleceu relações diplomáticas com o Brasil. Esse acordo favoreceu a saída de um grande número de chineses para o Brasil. Depois de fundar a Nova China pelo Partido Comunista, entre 1951 e 1974, o governo passou a controlar todas as entradas e saídas nas fronteiras de forma muito rigorosa. Somente os passageiros com passaporte na mão podiam entrar em Hong Kong. Concomitantemente, o "temor vermelho" manifestou-se naquela época, isto é, quem tinha parentes fora ou tentava emigrar passava a ser alvo de perseguição política dos radicais. Essas ações fizeram com que o número de imigrantes chineses para o Brasil também caísse relativamente.

A nova era da China começou em 1976, por causa da política de reforma e de abertura. Outra vez os direitos de sair e de entrar no país foram respeitados, e muitos viajaram para buscar de novas oportunidades de trabalho, de aprender novos conhecimentos e de se reunir com os parentes no estrangeiro. Depois da abertura, a economia da China cresceu com um ritmo cada vez mais acelerado. Todos os setores das indústrias passaram a se desenvolver cada vez mais.

Noutro lado do mundo, o Brasil também abriu as suas portas para o estrangeiro, principalmente no setor do comércio exterior. Esse fato tornou o Brasil mais atrativo para imigração. Da parte dos chineses, fugir do regime comunista para um país mais livre e buscar as oportunidades nos mercados foram os dois motivos principais da imigração chinesa ao Brasil nessa época.

Nos anos 1970 e 1980, uma grande parte dos chineses em atividade no Brasil veio por Foz do Iguaçu, no Paraná, atravessando pela fronteira do Paraguai, onde era mais fácil para entrar, já que não havia uma alfândega para verificar os documentos dos imigrantes. Essa, aliás, tem sido uma das características dessa fronteira: uma estação de transferência para os querem entrar no Brasil.

Um grande número de imigrantes chegou de forma ilegal, mas nos anos 1998 e 2008, houve, no Brasil, um processo de anistia. Muitos imigrantes, então, sem documentos ou com visto inválido conseguiram uma identidade legal. Não é somente essa forma que tem se prestado a regularizar os ilegais no Brasil. Outra forma comum de se conseguir identidade desde sempre é ter filhos no Brasil, pois, segundo a política brasileira, quando um filho nasce dentro do território brasileiro, ele tem direito à nacionalidade brasileira, e por extensão, os pais podem tirar visto permanente no país. Por isso muitos imigrantes chineses ilegais vieram em casal e, depois de ter filho, tornaram-se cidadãos legalizados.

De acordo com as informações publicadas no site da Embaixada da China no Brasil, estima-se que mais de 90% dos chineses no Brasil concentrem-se em São Paulo, e os outros 10% espalharam-se por todo o país, principalmente no Rio de Janeiro, Paraná, e Porto Alegre.

Figura 1: Mapa da China. Fonte: http://xhes.com/v1024/MapsofChina.htm

Atualmente, de acordo com os dados lançados a partir da mesma fonte, há as seguintes representações no Brasil: a Embaixada da República Popular da China, em Brasília, e os Consulados da China em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quanto às representações brasileiras na China, há a Embaixada da República Federativa do Brasil, em Pequim, e os Consulados do Brasil em Shanghai, Guangzhou e Hong Kong. Além desses, há o Gabinete do Comércio do Brasil em Taiwan. Todos eles facilitam a imigração chinesa para o Brasil.

2.1 Situação dos imigrantes chineses em São Paulo

Desde século XIX, São Paulo tem sido um destino de imigração dos estrangeiros. Com o rápido crescimento da economia cafeeira, que gerou capital para

subsidiar a imigração estrangeira, e seus outros desdobramentos (a expansão da rede ferroviária, industrialização e urbanização), aliados às importantes reformas institucionais e políticas (como a abolição da escravatura e o estabelecimento de um regime republicano descentralizado), criaram-se condições importantes para a imigração em grande escala (BASSANEZI, 1995).

Um grande motivo para os imigrantes chineses fixarem residência no Brasil, especialmente em São Paulo, foi e tem sido as oportunidades econômicas. De acordo com a Teoria Microeconômica Neoclássica (SJAASTAD,1962; TODARO, 1969), os indivíduos são seres racionais, capazes de ordenar hierarquicamente suas preferências e de realizar cálculos racionais relacionados a alternativas, visando a maximizar a utilidade de suas escolhas.

Aplicando-se esse conceito à imigração chinesa para o Brasil, é possível reconhecer que eles tenham antevisto e calculado os custos e benefícios que o levariam a ter uma expectativa de retorno positivo. Normalmente, o destino que os leva tem mais produtividade. Os critérios que compõem essa fórmula para a inclinação dos movimentos migratórios não são apenas as diferenças salariais entre duas regiões, mas, principalmente, as diferenças nas taxas de emprego.

Considerando que a cidade São Paulo é a maior cidade do Brasil, até mesmo da América Latina, os atrativos de ser o principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América do Sul são suficientes para conduzir essa imigração, mas não é somente isso. São Paulo também é a cidade brasileira mais influente no cenário global. Se não bastassem essas peculiaridades, ainda há o fato de São Paulo também possuir o sistema de transporte mais avançado do país, com uma

rede de metrô e trem espalhada por grandes regiões de seu território, o que torna a vida nessa cidade mais eficaz e conveniente.

De acordo com os dados divulgados pelo Consulado da China em São Paulo, em São Paulo moram mais de 120 mil chineses, legalizados ou não. Todos eles foram atraídos pelas boas oportunidades e possibilidades oferecidas.

É preciso salientar que, na cultura chinesa, a família é uma das instituições mais tradicionais e mais fortes. Para muitos imigrantes chineses, a ideia de reunir-se com a família está sempre em mente. Muitos vieram sozinhos, mas, depois de alguns anos e muito trabalho, conseguiram trazer a família para junto de si. Nenhum chinês deixa um irmão ou primo desamparado, particularmente em um país estrangeiro.

Essa cultura é ainda mais forte entre os comerciantes chineses, porque uma família grande na China significa a prosperidade. Por isso, os imigrantes chineses em São Paulo, quando identificam um campo de oportunidades, ou melhor condição de vida, logo convidam outros parentes ou até amigos da China ou em outros países, tais como Itália ou França, onde também há uma grande quantidade de imigrantes chineses, para atuarem juntos.

Os recém-chegados normalmente começam a trabalhar como empregados em restaurantes, pensões ou pastelarias de parentes e amigos e, após juntarem dinheiro ou pegarem empréstimos, montam os próprios negócios. As redes familiares ou fraternais chinesas são importantes nessa ajuda mútua.

O campo de atuação dos chineses hoje é tão marcado na cidade de São Paulo que, se houver referência a essa comunidade, é comum que venha à primeira lembrança um lugar atualmente típico de comércio chinês: a rua 25 de março. Essa

rua é considerada um lugar caótico e perigoso devido à circulação intensa de pessoas, o que propicia furtos e violência, mas convivem com esse cenário muitos chineses que vendem vários tipos de produtos, principalmente eletrônicos e domésticos de pequeno porte. Também os chineses criaram rótulos para os compatriotas que ali atuam. O termo *Tibao* literalmente significa carregar mala, indicando os vendedores ambulantes ou sacoleiros ambulantes. É uma forma inicial de muitos imigrantes chineses iniciarem seus negócios em São Paulo.

Como há um incremento do comércio entre os dois países, e os produtos chineses têm um preço muito competitivo comparado aos brasileiros, devido ao baixo custo da mão-de-obra na China, então muitos chineses que estão em São Paulo progridem e se aproveitam disso. Trabalham com importação dos produtos chineses baratos para o Brasil e algumas vezes, de forma ilícita, fazem fortuna. Essa constatação ilustra o que afirmou Fernando Ou, presidente da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico: "A China se transformou no maior produtor de manufaturas do mundo e isso trouxe oportunidades para os imigrantes chineses no mundo todo."

Diferentemente dos japoneses que inicialmente se concentraram no bairro da Liberdade, os chineses em São Paulo não têm um bairro próprio. Uma grande parte, contudo, concentrou moradia no centro, em bairros, como a Liberdade e o Brás, mas alguns também fizeram sua moradia nas proximidades do novo centro, nos arredores da Av. Paulista, locais mais próximos do ambiente de trabalho.

Abandonando o estigma consolidado entre os brasileiros de que os chineses coincidem com a ideia e o movimento da Rua 25 de Março, é claramente perceptível a presença de imigrantes chineses em vários restaurantes, centros e cursos

de língua chinesa, de artes marciais e de acupuntura. Um exemplo óbvio é que, em quase todos os bairros, podemos encontrar restaurantes chineses, e o nível dos restaurantes também é cada vez mais elevado, e a comida chinesa está conhecida pelas pessoas locais também.

Além disso, hoje em dia, como a relação entre a China e o Brasil está cada vez mais estreita, vieram cada vez mais empresas chinesas ao Brasil. De acordo com os dados divulgados pelo site do Consulado da China em São Paulo, até final do ano passado, instalaram-se 14 gabinetes ou empresas filiais das empresas estatais chinesas em São Paulo, principalmente na região de Vila Olímpia, Berrini, bairros de comércio. Por isso, uma quantidade crescida dos chineses que receberam boa educação veio para São Paulo para trabalhar.

2.2. As imigrantes chinesas em São Paulo

Para tratar da situação das imigrantes chinesas em São Paulo, é necessário, antes, conhecer a estatuto social das mulheres na sociedade chinesa.

Na cultura tradicional chinesa, a preferência dos pais pelo filho de sexo masculino é uma tradição profundamente arraigada, desde a idade feudal. Durante os anos de crescimento, toda chinesa teve que ouvir e ser orientada por seu pai e por outros membros masculinos da família. Dessa forma, o respeito é devido aos homens durante a educação feminina.

No filho homem, concentra-se a responsabilidade de manter os pais quando idosos. Somente o filho homem é o herdeiro dos bens da família. As meninas não têm direito nem acesso à educação ou participação nas atividades públicas, tais

como concursos públicos, porque o palco das mulheres sempre foi dentro de casa. As mulheres que saíam com frequência de casa não tinham boa reputação. Aliás, a reputação sempre considerada o maior bem para as mulheres.

O papel da mulher dentro da casa variava a depender de seu estatuto social: filha ou esposa. Os trabalhos domésticos cabem quase exclusivamente às mulheres. Em oposição a esse dever, estavam os homens, que não tinham qualquer responsabilidade desse tipo.

Após o casamento, o principal trabalho principal de uma mulher na China antiga era dar à luz filhos e servir o seu marido. Os homens podiam ter mais de uma esposa. Por outro lado, se o marido de uma mulher jovem morreu, ela normalmente não tinha permissão para se casar novamente.

A situação das mulheres chinesas mudou bastante depois dos anos 50 do século passado, com a fundação da nova China. Pela atual lei, teoricamente, estão proibidos os matrimônios arranjados. A mulher pode pedir o divórico ou se separar, tem o mesmo direito de ter educação e trabalho, pode herdar e receber um salário em paridade de trabalho com os homens. Isso nem sempre é realidade ainda.

Quanto à eduação, de acordo com um relatório de Insituto de Pesquisa das Ciências Sociais da China, durante 1931 até 1945, uma população feminina que recebeu educação superior somente ocupa 0.46% da população feminina da China. Devido à popularização dos ensinos obrigatórios de nove anos, a partir dos anos 80, a percentagem dos estudantes femininos nas unviersidades subiu de 23.6% de 1980 até 35.40% de 1995. Mas, em 2004, 45.7% dos estudantes nos institutos de educação superior eram do sexo feminino.

Além disso, no mercado de trabalho, há cada vez mais mulheres com alta qualificação. No entanto, as desigualdades continuam ainda em todas as fases. A preferência ligada ao sexo é mais forte que a lei, por exemplo, para muitos cargos dos funcionários públicos, uma exigência é ser homem. A desigualdade acontece mais frequentemente no interior e nas regiões mais pobres da China, porque o preconceito antigo perdura nas cabeças dos chineses.

Quanto às imigrantes chinesas em São Paulo, a maioria é composta por mulheres que acompanham os maridos ou a família. Como já referimos antes, muitos imigraram de forma ilegal, por isso alguns imigrantes tentaram imigrar em casal, a fim de dar à luz os filhos no Brasil e poder, assim, tirar a identidade permanente ou mesmo nacionalidade. Quanto ao campo de trabalho, os homens trabalham fora e são responsáveis por ganhar dinheiro, e suas mulheres fazem trabalhos domésticos, preparam comida e cuidam dos filhos.

Como muitos imigrantes fazem negócios, têm lojas nos shoppings que vendem os produtos eletrônicos, capinhas de celulares e entre outros ou até têm empresas próprias. Para diminuir os custos e garantir a segurança, as mulheres também trabalham na loja e na empresa, ajudando os negócios da família. As vantagens das mulheres sobre os homens no comérico são grandes: elas são mais pacientes e atenciosas ao vender, também normalmente elas têm mais talentos ao aprender uma língua estrangeira.

Como há cada vez mais empresas grandes chinesas abrindo escritórios em São Paulo, muitos funcionários chineses também foram mandados para trabalhar por alguns anos em São Paulo. Por exemplo, a maior empresa chinesa de telecomunicação tem mais de 500 funcionários chineses com visto de trabalho espalhados pelo Brasil, e

dentre mais de 200 concentram-se em São Paulo. No entanto, entre os que trabalham em São Paulo, somente cerca de 10% são do sexo feminino. A maioria das funcionárias chinesas é jovem, solteira e que acabou de se formar nas universidades. A justificativa para esse perfil é que, estando elas tão jovens, ainda não têm uma grande pressão familiar e social para se casar, o que lhes propicia sair, trabalhar e ganhar mais experiências e fortunas. Se fossem mais velhas, teriam que naturalmente se casar, pois na cultura chinesa, casamento para uma mulher é mais importante que o trabalho. Para as casadas, é difícil ficar muito tempo longe da família, porque ainda não é aceito na cultura chinesa que mulheres trabalhem fora, deixando de cuidar da família. Por outro lado, a empresa também prefere mandar os homens para trabalhar em suas filiais, porque as mulheres mais comumente apresentam maiores dificuldades pessoais e familiares.

Além das funcionárias das empresas chinesas, existe o outro grupo de mulheres que imigra para acompanhar os seus maridos que trabalham nas empresas. Na empresa citada acima em São Paulo, há mais que 50 mulheres que vieram com visto de dependente ou visto de reunião familiar para se reunir e acompanhar os seus maridos. O prazo do visto de dependente do prazo do visto de trabalho dos seus maridos. Assim, quando vencer o prazo de trabalho, elas também não têm mais direito de ficar no país. Os seus vistos não lhes permitam trabalhar, e a empresa oferece-lhes passagens aéreas de ida e volta, alojamento e alimentação e poucos subsídios.

Os trabalhos das companheiras normalmente é cuidar de filhos se os tiverem, preparar comida e cuidar das lidas domésticas. Também algumas fazem cursos para aprender a língua portuguesa, no entanto, o núcleo da vida e sua rotina são constituídas pelo marido e família.

2.3. A língua dos imigrantes chineses

A língua chinesa apresenta grande variedade de dialetos, os principais dialetos do chinês são:

a) Mandarim, considerado o idioma oficial, também é chamado chinês padrão, que é baseado no dialeto específico falado em Pequim. O mandarim padrão funciona como a língua oral oficial da China;

b) Cantonês, falado em Hong Kong, Macau e na província de Cantão; e

c) Min Nan Hua, falado em Taiwan e na província de Fujian

Devido à ampla distribuição geográfica e diversidade cultural de seus falantes, entre os chineses existem fortes traços de identidade regional, centrados em cada um dos dialetos individuais. Como em todas as outras línguas do chinês, existem diversas controvérsias sobre o estatuto do mandarim, a principal é se deveria ser considerado como dialeto. Neste trabalho, assumiremos que dialetos e línguas chineses representam estatuto semelhante. Embora os chineses refiram-se a essas línguas como dialetos, têm consciência de que refletem a diversidade linguística daquele país e que o mandarim é uma solução unificadora adotada. Portanto, todas são línguas de comunicação igualmente.

Os imigrantes chineses normalmente têm origem nas províncias que ficam ao sul da China, onde coexiste uma grande variedade de dialetos. Muitos que saíram antes de 1955, quando ainda não se havia unificado a pronúncia da língua chinesa, falam somente os seus próprios dialetos, por isso mesmo entre os imigrantes chineses,

provavelmente, não é possível um entendimento mútuo já que a pronúncia é bem diferente. Normalmente, neste caso, os que falam a mesma língua moram juntos.

De acordo com cada situação (dependendo do interlocutor), eles escolhem o uso de uma determinada forma de comunicação: o padrão mandarim ou as línguas regionais (ou dialetos). Devido à diversidade de dialetos na língua chinesa, a situação fica um tanto complexa para a compreensão, e isso foi observado também por David Jye Yuan Shyu, que esclarece a situação de cada língua/dialeto através dos seguintes itens:

a) Pode-se afirmar que 100% dos migrantes cantoneses de primeira geração falam principalmente o cantonês; eles usam normalmente o português. Ou seja, exceto em situações onde se comunicam com os próprios cantoneses, eles usam o pidgin chinês ou português.

b) Imigrantes da Região Min Nan de primeira geração, com exceção de pessoas de mais idade, falam o chinês padrão; eles usam tanto o dialeto como o padrão mandarim entre familiares e amigos. Uma situação interessante corre entre casais que falam o dialeto, pois falam o mandarim com os filhos e outras pessoas que não sejam da mesma origem, embora mantenham o dialeto para se comunicar entre si. É, portanto, muito comum encontrar casos de code-switching entre o chinês padrão e os dialetos.

c) Os Hakka em geral conservam firmemente o uso de seu dialeto na família, usando o mandarim somente com pessoas de outras origens provinciais. Existem também muitos Hakka que falam o dialeto Min Nan com pessoas dessa origem.

d) Imigrantes naturais de Shanghai ou Zhejiang, com exceção dos que se casam com pessoas de outras províncias, falam basicamente o dialeto, usando o mandarim apenas com pessoas de outras províncias.

e) Alguns imigrantes de primeira geração, que vieram ao Brasil há mais de trinta ou quarenta anos, usam principalmente o português em suas famílias, mas, quando em contato com outros chineses, falam o mandarim ou algum dialeto.

Para os imigrantes chineses mais antigos que moram no Brasil, os principais problemas enfrentados foram relativos à dificuldade em aprender o idioma local e, consequentemente, conseguir um emprego.

O idioma é sempre uma barreira importante para os chineses. No entanto, não quer dizer que os chineses não interajam com os brasileiros. Pelo contrário, como a maior parte faz negócios, é obrigatório comunicar-se com os clientes brasileiros, mesmo que não falem fluentemente a língua. Depois de alguns anos no Brasil, eles não manifestam grandes problemas em comunicar-se no dia-a-dia.

Normalmente os chineses prestam alta atenção na educação dos filhos, e muitos adolescentes chineses constituem-se bons exemplos de dedicação. Há boas teorias para explicar esse fenômeno que faz os filhos de imigrantes orientais de primeira geração se esforçarem mais para se firmar na terra de adoção. No entanto, para muitos chineses, a língua mais importante é sempre o chinês, mesmo que estejam em terras brasileiras.

Essa é a razão por que um fenômeno típico entre os chineses continue se manifestando, qual seja, os pais enviarem os filhos à China para receber educação

primária ou até secundária. Esses pais esperam que seus filhos não se esqueçam da língua chinesa, e pelo menos dominem o chinês básico. O que move esses pais é a preocupação com a mundança da identidade dos filhos devido à ausência da língua materna familiar.

Segundo os estudos de Fishman sobre as etapas de transição para um estado monolíngue, essa transição se dá dentro em três gerações (1966,1988): a primeira geração fala a língua de origem em casa e aprende a língua do destino para se comunicar nos trabalhos; a segunda geração aprende a língua do destino e aprende a língua de origem familiar para continuar a se comunicar com os pais; no entanto, a terceira geração não usa mais a língua de origem.

Também há quatro etapas que o bilinguismo segue para o monolinguismo, sendo este, no caso investigado, o do português do Brasil. Etapa 1: o português é aprendido através da língua nativa dos estrangeiros, com uso restrito a alguns domínios em que a língua nativa não pode ser utilizada; etapa 2: os imigrantes começam a usar ou a língua nativa ou o português entre eles mesmos e em vários domínios. Inicia-se o processo de integração; etapa 3: a língua nativa ou o português são usados na maioria dos domínios; etapa 4: o português substitui a língua nativa em todos os domínios, exceção feita unicamente aos domínios mais locais e particulares, por exemplo, no convívio familiar com parentes ou amigos estrangeiros. (TARALLO e ALKMIN, 1987, p.67).

Como nestes últimos anos, tem começado uma expansão da imigração chinesa ao Brasil, a maioria dos imigrantes chineses em São Paulo é da primeira ou segunda geração. Isso significa que a língua chinesa - quer mandarim, quer dialeto – ainda é uma língua dominante na vida deles. Durante nosso trabalho de campo, por

exemplo, visitamos várias casas de imigrantes chineses de primeira geração em São Paulo. Quase todos instalaram algum produto de tevê por satélite para ter acesso aos canais chineses, e só assistem a novelas chinesas ou até mesmo a coreanas, sendo que as coreanas e americanas conservam legenda em chinês, e raramente eles assistem a programa brasileiro, só com alguns propósitos específicos, tais como para aprender a língua portuguesa ou criar um ambiente de português para os filhos. Por outro lado, cada vez mais, jovens chineses falam fluentemente o português.

CAPÍTULO III: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Após o estudo das complexidades que envolvem o contato cultural entre dois países tão diferentes como o Brasil e a China, vamos nos concentrar no estudo do impacto desse contato na língua falada pelos chineses nesse novo espaço de interação.

Para realizar essa etapa dos estudos, será necessário, antes, relatar como foi feito o trabalho de campo, desde a abordagem ao momento do registro de entrevistas. Será também preciso apresentar o perfil desses informantes, assim como será preciso reconstruir a situação interativa em si em cada nova abordagem interativa.

Por último, precisaremos voltar-nos para o uso linguístico em si, para as formas linguísticas que se alteram por interferência do hábito linguístico da língua materna e outras interferências que possam se mostrar relevantes para uma abordagem não somente descritiva no campo da Linguística, mas também para uma possível abordagem pedagógica no ensino de língua portuguesa como língua estrangeira, em alguns casos, e como segunda língua em outros.

O perfil dos entrevistados desenha-se da seguinte maneira: são imigrantes chineses em São Paulo, que moram há mais de 3 anos na cidade, possuindo idades de 20 até 50 anos. Todos eles aprenderam a falar língua portuguesa no Brasil. Uma grande parte imigrou com a sua família, ou já tinha parentes habitando a cidade. Também alguns se casaram com brasileiros e decidiram vir morar no Brasil. Todos os eles receberam educação superior, quer na China, quer no Brasil, alguns mais novos ainda estão fazendo faculdade.

Com relação ao trabalho, não há uma convergência. Apresenta-se diversificado, no entanto, tem uma caracaterística em comum: todos têm uma relação com a China, alguns fazem negócios de importação e exportação com os produtos da China, alguns oferecem serviços ou consultas para as empresas chinesas em São Paulo, alguns trabalham com a língua, sendo professores de mandarim ou, ainda, atuam como tradutores.

3.1 Instrumentos de coleta de dados

Conforme Thompson (1992) e Burke (1977), citados por Biasoli-Alves (1998, p.144), a entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando contextualizar o comportamento dos sujeitos. É por meio desse instrumento que se estabelece a vinculação com os sentimentos, crenças, valores, de modo a permitir, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo de maneira explícita.

A entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das *Ciências Sociais e Psicológicas*. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obterem *dados que não podem ser encontrados em registros* e fontes documentais, podendo essas informações ser fornecidas por determinadas pessoas. Normalmente, os dados que se extraem das entrevistas poderão ser utilizados tanto para estudos de fatos como de caso ou de opiniões (cf. SALVADOR, 1980).

No campo da Linguística, desde a segunda metade do século XX, com o advento da Sociolinguística Laboviana e também da Análise da Conversação, linguistas de toda parte do mundo se detêm na coleta de amostras controladas com

base em categorias sociais (variáveis externas) e categorias linguísticas (variáveis internas). Na Sociolinguística, a preocupação volta-se para a apreensão da variação e da mudança linguística (envolvendo a gramática e seus vários subsistemas: fônico, morfossintático, semântico e pragmático). Já, na Análise da Conversação, a preocupação volta-se para a compreensão da hierarquização temática, alternância de turnos, marcadores conversacionais, dentre outros fatores mais ligados ao perfil de cada falante, tais como papel social e a correlação deste com o status social.

Sobre esse tema, Gorden (1975) ressalta que o processo comunicativo para obtenção de informação depende da combinação de três elementos internos à situação de entrevista: entrevistador, entrevistado e tema em questão. Também os elementos externos à situação interessam e revestem a forma de comunicação. Para isso contribuem a sociedade, a comunidade e a cultura.

Os objetivos desta pesquisa priorizavam não somente a língua portuguesa falada pelos chineses na cidade de São Paulo, mas esta no contexto de imigração. Como a abordagem a imigrantes propicia uma série de confrontos pessoais envolvendo identidade e alteridade, consideramos que uma entrevista semi-estruturada seria a melhor forma de alcançar informações de relevância para o trabalho. Escolhemos, assim, o formato de entrevista com gravação.

A justificativa para a escolha desse formato, nesse contexto intercultural, deve-se a que a entrevista não é somente um simples diálogo, mas, sim, uma discussão orientada para um objetivo definido. Dessa forma, ou seja, por meio de um simulacro de conversa espontânea, conduz-se o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados mais propícios e imediatos para o que se pretende na pesquisa. Quanto ao formato do material coligido como *corpus*, a que referimos

também como amostras, tratam-se de entrevistas semi-estruturadas, quer dizer, as questões são formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, explane sobre tendências e explicite suas reflexões. Como a pesquisa cujo foco é análise dos aspectos linguísticos dos imigrantes chineses, as perguntas das entrevistas são mais gerais, deixando que os entrevistados sejam livres para falar ao mesmo em que o entrevistador incentiva a interação.

3.2. Temas priorizados e organização das entrevistas

As perguntas foram planejadas para cobrir os seguintes tópicos:

(i) chegada ao Brasil e ambiente de chegada;

(ii) adaptação e rotina diária no início da experiência de imigração;

(iii) informações sobre a aprendizagem da língua portuguesa do Brasil;

(iv) relação com os brasileiros e com os chineses;

(v) concepções sobre a relação entre a China e o Brasil.

Também de acordo com as próprias características de cada um, a situação de registro pode sofrer o acréscimo de perguntas ou, ao contrário, pode sofrer redução. O tempo geral de entrevista gira em torno de 15 até 20 minutos.

Reconhemos no total de 15 entrevistas, uma das quais teve como entrevistador um professor universitário carioca com vasta experiência na interculturalidade Brasil-China. As demais foram realizadas pela pesquisadora desta dissertação, chinesa de origem e falante do português e do mandarim.

A entrevista realizada pelo professor carioca teve como informante uma chinesa com idade entre 20 e 30 anos. Quinze outras entrevistas foram realizadas com chinesas (nove entrevistas) e com chineses (seis entrevistas). Quanto à faixa etária, oito informantes estão incluídos na faixa dos 20 aos 30 anos (5 chinesas e 3 chineses); quatro estão na faixa dos 30 aos 40 anos (2 chinesas e 2 chineses); e três entrevistados inserem-se na faixa que vai dos 41 ou mais (duas chinesas e um chinês).

As entrevistas foram feitas em vários lugares, tais como na sala de aula, nos restaurantes, nos lanchonetes, na casa dos informantes e nos escritórios onde eles trabalham. Como todas as gravações foram feitas com celular, a qualidade das gravações feitas nos restaurantes ou lanchonetes não são muito boas, que tornou a tarefa de transcrição muito mais difícil.

Para lidar com essas entrevistas, dividimos os informantes por nível de produção linguística com base na Grade de Avaliação de Interação Face a Face do CELPE-BRAS (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros). Os critérios adotados nesses tipos de exame são: compreensão, fluência, adequação lexical, adequação gramatical e pronúncia. Esses critérios permitiram distribuir os entrevistados em 5 níveis, de nível 1 (baixa fluência) até o nível 5 (alta fluência).

Capítulo IV: ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Marcadores discursivo-conversacionais de português

Os elementos linguísticos que permite mais claramente reconhecer o grau de fluência de indivíduos falantes de português como língua estrangeira são os marcadores conversacionais. Quando verificamos que indivíduos adotam marcadores em contextos esperados e que lançam mão desses inclusive para marcar suas intenções ou gerenciar a fluidez de conteúdo, tal como ocorre com marcadores de manutenção e passagem de turno linguístico, imaginamos que o falante já esteja adaptado e consciente das atribuições conversacionais de sinalizar seus passos e suas intenções ao mesmo tempo em que codifica sintaticamente o conteúdo semântico.

Por essa razão escolhemos os marcadores conversacionais como foco de interesse nesta dissertação. A ideia é entender como se incorpora um fenômeno discursivo numa variedade que, como se sabe, tem características pidginizantes a depender do grau de fluência do falante e do tempo de contato com a língua.

Sendo assim, uma intenção nos movia: queria compreender se haveria uma correlação mínima entre graus de fluência e uso desses marcadores conversacionais.

Os marcadores do texto conversacional são específicos e com função tanto conversacionais como sintáticas.

Segundo Luiz Antonio Marcuschi (1986), os marcadores podem ser subdivididos em três tipos de evidências: (a) verbais, (b) não verbais e (c) supra-

segmentais. Quanto às funções, estes sinais servem de elemento de ligação entre unidades comunicativas. Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Fundamentalmente, eles podem operar como iniciadores ou finalizadores. A expressão unidade comunicativa (UC) é aqui tomada (RATH, 1979) como substituto conversacional para "frase", ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática do tipo frase.

As Classes de marcadores são seguintes (MARCUSCHI, 1986):

I. Os *recursos verbais* que operam como marcadores formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência. Não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico. Alguns não são sequer lexicalizados, tais como "hm", "ah" "oh", e muitos outros.

II. Os *recursos não-verbais*, ou paralingusticos, tais como o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face.

III. Os *recursos supra-segmentais* são de natureza linguística, mas não de caráter verbal. Os dois mais importantes para o nosso caso são as pausas e o tom de voz. As pausas podem ser curtas, médias ou longas e constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional. São frequentes em final de unidades comunicativas e geralmente concorrem com outros marcadores.

Como se verá, podem surgir também no início de unidades, sobretudo como hesitações.

Outras classificações podem ser feitas. Uma dela é proposta por R. Rath (1979, p. 96-7). Esta autora defende que poderíamos dividir as pausas nos seguintes tipos: pausas sintáticas e pausas não-sintáticas:

1) Pausas sintáticas: referem-se a elementos que exercem função de ligar ou de separar unidades comunicativas. São elas:

a) de ligação: vindo por vezes no lugar de um conector qualquer, aproximam-se de operadores coordenativos. São eles: "e", "então" e "mas", os quais funcionam para a construção interna da unidade sem iniciar propriamente uma nova;

b) de separação: servindo para delimitar ou separar unidades comunicativas, vêm logo após um sinal de fechamento de unidade ou baixamento do tom de voz.

2) Pausas não-sintáticas: prestam-se a marcar reações do falante ou intenções presas ao conteúdo em desenvolvimento. São elas:

a) de hesitação: podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, ou estarem servindo para o planejamento verbal e têm uma motivação sobretudo cognitiva;

b) de ênfase: têm valor de sinalizadores do pensamento, reforçando-o ou chamando a atenção para um dado trecho da unidade. Muitas vezes aparecem

entre o artigo e o nome ou no interior de um sintagma, provocando uma ruptura da cadeia sintagmática.

Entre os recursos supra-segmentais, temos ainda a entonação, a cadência e a velocidade, que caracterizam e marcam relações pessoais e de conteúdo.

Ainda segundo a mesma fonte de consulta (Marcuschi, 1986), os marcadores verbais podem ser subdivididos em dois grandes grupos de acordo com a sua fonte de produção: (a) sinais do falante; e (b) sinais do ouvinte. Por outro lado, quanto a funções específicas, cada qual pode ter (1) funções conversacionais e (2) funções sintáticas. Além disso, eles podem vir em várias posições dentro do turno ou na sequência dos turnos afetando a unidade comunicativa.

Em relação às funções de marcadores conversacionais, eles podem ser considerados sob dois aspectos:

(a) Sinais produzidos pelo falante, que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar o ouvinte, explicitar intenções, nomear e referir ações, marcar comunicativamente unidades temáticas, indicar o início e o final de uma asserção, dúvida ou indagação, avisar, antecipar ou anunciar o que será dito, eliminar posições anteriores, corrigir-se, auto-interpretar-se, reorganizar e reorientar o discurso etc.;

(b) Sinais produzidos pelo ouvinte, durante o turno do interlocutor, geralmente aparecem em sobreposição, e servem para orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção. Aos sinais de concordância como “ahã”, “sim”, “claro”, o falante pode animar-se; aos sinais de discordância como “não”,

"impossível", o falante pode reformular-se ou acresentar algo mais; sinais como "diga, diga", promovem uma exploração adicional do tópico. Esses exemplos de marcadores podem não dar conta de todos os marcadores, contudo, em situação de língua não materna. De todo modo, marcam a posição pessoal do ouvinte localmente, encorajam, desencorajam, solicitam esclarecimento e não têm apenas uma função fática ou algo semelhante.

Quando às funções sintáticas, esses sinais podem ser responsáveis tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas linguísticas.

Quanto às posições, retomando Marcuschi (1986), os marcadores conversacionais do falante podem vir no início, no meio e no fim do turno, enquanto os do ouvinte vêm geralmente no ponto de discordância ou concordância com o tópico, sendo, portanto, localizados.

(a) Sinais de tomada de turno: são as expressões com as quais se inicia ou se toma o turno em algum momento. Se o turno iniciado é uma resposta, há expressões típicas, como "olhe", "certo", mas", algumas, podem indicar prefácios de disjunção e desalinhamento, como "bem", projetando uma quebra com o precedente; há as que introduzem opinião, marcam endosso, como "é isso"; ainda há os que retomam o tópico: "voltando ao tema";

(b) Sinais de sustenção de turno: o falante usa-os para manter a palavra ou conseguir o assentimento do ouvinte; aparecem geralmente em final de UC, preferencialmente na forma indagativa, como "viu?", "sabe?", "entendeu?", e

podem configurar lugares relevantes para a transição de turno. Também é empregada a técnica da paráfrase: “em resumo”, “em outras palavras”;

(c) Sinais de saída ou entrega (ou passagem) de turno: aparecem no final de turno, tais como “né?” “viu?” “entendeu?”, “é isso aí!”, “o que você acha?”, predominando na forma indagativa;

(d) Sinais de armação do quadro tópico: funcionam como *framing* e indicam o panorama em que se encontra a conversação (“agora que estamos neste ponto”), podendo ocorrer no início e meio de turno;

(e) Sinais de assentimento ou discordância: produzidos pelo ouvinte durante o turno do parceiro, eles vêm quase sempre em sobreposição de vozes: mhm, ahã, não, não, como? Eles não têm uma função exclusivamente fática. (MARCUSCHI, 1986)

Os marcadores podem, ainda, ser separados em linguísticos e não linguísticos (MARCUSCHI, 1989). Os primeiros são de duas naturezas: há os verbais e os prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados, tais como como ocorre com “sabe?” e “eu acho que” ou não lexicalizados, como “ah, eh, hm”. Os de natureza prosódica são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura. Os não linguísticos são o olhar, o riso, entre outros.

Quanto à forma, os marcadores verbais se apresentam ora como elementos simples (sabe?), ora como composto (quer dizer), e ainda como oracionais (eu acho que), podendo aparecer combinados (mas acho que). (cf. URBANO, 1993).

Como pudemos notar, variadas são as classificações atribuídas aos itens usados na função de marcadores conversacionais.

Embora consideremos de supraimportância os marcadores prosódicos e os físicos, não os transcrevemos nesta dissertação, pois estabelecemos um recorte metodológico de descrever os usos de marcadores conversacionais lexicais. Portanto, ficarão fora de nosso escopo às ocorrências não verbais, como olhar, risos e entre outros, bem como elementos suprassegumentais, como a pausa, os alongamentos e os vários tipos de entonação, ainda que sejam também de grande importância para sinalizar as relações interpessoais.

Os marcadores discursivo-conversacionais, considerados os elementos mais típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade e de significação discursivo-interacional. Não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto (URBANO, id., p. 85). Constituem-se, na realidade, elementos que ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Logo, e em consonânciacom o que defende Marcuschi (1989), são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal. Quanto aos aspectos semânticos, de acordo com as pesquisas do Hudinilson Urbano, notamos que a maioria desses elementos é vazia ou esvaziada de conteúdo semântico. Em primeiro lugar, obviamente, estão os elementos prosódicos; em segundo, os elementos verbais não lexicalizados, como *Eh*, *Ah*, *Hm*. Em terceiro, os elementos lexicalizados como *sabe? certo?*

Embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem como estratégias para o falante testar o grau de atenção e de participação do seu interlocutor.

Em quarto, há expressões que continuam semanticamente válidas, como "eu acho que; eu tenho impressão que", mas a informação que passam não integra nem colabora diretamente para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura tópica.

Um quinto tipo são aqueles elementos que mantêm, em menor ou maior grau, uma parcela do seu sentido. Com efeito, eles mantêm parcialmente o sentido e a função sintática originais, assumindo, por acréscimo, uma função pragmática. É o caso, por exemplo, de palavras como o advérbio **Assim**, que continua mais ou menos preso a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo em que se liga à enunciação numa função modalizadora, sinalizando hesitação ou dúvida do falante.

Enquanto preenchimento de pausa, o advérbio **Assim** pode ser encarado como marcador de uma ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar. Ilari e Geraldi (1985:39) classificam o advérbio com essa função, como "advérbio de enunciação", em oposição ao "advérbio de frase", que incide sobre o conteúdo oracional.

A respeito das funções comunicativo-internacionais, para Castilho, os marcadores discursivos exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos os elos organizam o texto. Todavia, essa função geral comporta ela mesma duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional[6], às quais correspondem dois tipos de marcadores: os marcadores interpessoais e os ideacionais:

> "os marcadores interpessoais servem para administrar os turnos conversacionais..." enquanto "os marcadores ideacionais são

[6] Castilho refere-se aos rótulos cunhados por Halliday.

> acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento" (CASTILHO, 1989:273-274).

O interessante é que os marcadores, como já afirmamos anteriormente, prestam-se também como índices para avaliar a fluência conversacional de indivíduos quando se trata de língua não materna. Foi o que fez Macedo (1997), porém analisando a conversa entabulada entre pesquisadores e índios kamaiurás.

De acordo com os resultados de suas pesquisas, Alzira Macedo (1997) descreveu que os marcadores conversacionais mais comuns nas entrevistas do português de contato eram: **Né? Viu? Sabe? Entendeu? Ah, Oh, Aí, Assim, Quer dizer, Bom** e **Olha, Então, Eh** e **Hmm.**

Né, abreviação da expressão *não é*, é um marcador usado para checar a atenção do interlocutor, tal como ocorre com **Sabe? Viu?** e **Entendeu?** Essa é a razão por que é chamado também de "requisito de apoio discrusivo", ocorrendo, na grande maioria das vezes, no final de enunciado. (Vide exemplo 1).

Aí e **Então** originalmente um dêitico de lugar, é usado como um conectivo de chamamos de "sequenciador", marcam sequência no discurso.

> **Exemplo 1**: E da ís só que aqui na, no Brasil, tipo ano letivo começa em fevereiro, né? E eu chegui aqui final de setembro, e outubro, novembro e dezembro, eu fiquei sem nada para fazer assim. (Informante 11, nível 4, feminino, 1ª faixa etária)

Nesse exemplo, além dos marcadores expressam-se dificuldades correntes da passagem de uma língua sintética, como é o caso do chinês, para uma língua

flexiva e sintaticizada, como é o caso do português. Ausência de algumas preposições e flexões.

Os marcadores **Ah** e **Oh** são interjeições usadas principalmente em tomadas de turno, mostrando concordância ou indicando lembrança súbita de alguma coisa. Também são chamados de indicadores que iniciam turnos, podendo também introduzir o discurso direto.

> **Exemplo 2**: Porque::ah, a minha família, eh, a maior parte da minha família já está aqui faz 20 anos já. (Informante 10, nível 4, masculino, 1ª faixa etária).

O advérbio **assim** reformula ou especifica parte do Sintagma (vide exemplo 3), mas, no português de contato, apareceu frequentemente em final de enunciados. Nesse espaço é mais difícil distingui-lo do advérbio de modo (vide exemplo 4).

> **Exemplo 3**: Eu? Eu aprendi com a TV, aprendi com o jornal, aprendi com a revista, aprendi com a minha secretaria assim. (Informante 5, nível 3, masculino, 2ªfaixa etária.)

> **Exemplo 4**: Porque os brasileiros são assim, ele não é como não gosta fala gosta, é gosta é gosta, não gosta é não gosta. (Informante 5, nível 3, masculino, 2ªfaixa etária.)

Os marcadors **Eh** e **Hmm** são preenchedores de pausa: evitam o silêncio enquanto um novo trecho de fala está sendo preparado. (vide exemplos 5 e 6).

Exemplo 5: Como eu já morava muito tempo fora da China, então para mim não tinha muito muito choque, hmmmm, por exemplo, a pessoa atrasa bastante, né? (Informante 7, nível 3, feminino, 2ª faixa etária)

Exemplo 6: Na minha turma só tinha eu, não, eh:; tem mais uma menina, e eu fico conversando só com ela (Informante 4, nível 2, feminino, 1ª faixa etária).

Ainda cabem algumas observações sobre alguns marcadores. O marcador perifrástico **quer dizer** reformula orações ou períodos, enquanto os marcadores **bom** e **olha** são frequentemente usados no início de turnos, onde têm função atenuadora ou mitigadora da informação. Mais recentemente, no entanto, no português do Brasil, verificamos que é usado puramente como marcador de tomada de turno ou de início de turno.

4.2 Marcadores conversacionais do chinês

Comparando com a escrita, a conversação oral é mais dinâmica, interativa e livre. Quanto ao aspecto dinâmico, os papéis, tais como ouvinte e falante e contexto de interação estão sempre mudando, no entanto, quando na escrita, a relação entre o autor e o leitor é mais fixa, restando sua dinamicidade aos processos de leitura e contribuições por parte do leitor.

Na conversação oral também precisa mais interação ativa. A forma de ouvir e responder são a básica da conversação oral, quer dizer, numa conversação oral, é obrigatório que um falante e um ouvinte interajam e, no momento em que o falante fala o ouvinte, espera-se, está ouvindo. Para conseguir essa dinâmica, o falante tenta o

máximo possível, assegurar a atenção do seu ouvinte e, por outro lado, conjuga a isso suas intenções de polidez e respeito. Por outro lado, o ouvinte também usa os marcadores verbais ou não verbais para mostrar que está acompanhando, ouvindo e compreendendo.

Também as conversações orais são mais livres, as pessoas nem sempre conseguem colocar na linha de interação um discurso altamente planejado. Nas situações cotidianas, não se prepara o discurso antes de falar. O planejamento é feito on line, ou seja, pensa-se no conteúdo a falar e, ao mesmo tempo, falam. Por isso, muitas vezes, acontece de haver lacuna de discurso, e as pessoas normalmente usam marcadores discursivos (tais como: eh::, hmm) para preencher, a fim de manter o turno e continuar o discurso. Além disso, como a conversação oral é mais livre, frequentemente os interlocutores mudam temas, corrigem o que tinham falado e hesitam. Para cada uma dessas situações, um marcador conversacional é escalado.

Os estudos sobre os marcadores estão cada vez mais profundos, no entanto, muitos são sobre o uso dos marcadores da língua inglesa. As pesquisas sobre os marcadores de língua chinesa são relativamente parcas, basicamente são divididas nas seguintes áreas:

I) Estudos sobre o conceito e a classificação dos marcadores chineses. Por exemplo, as pesquisas da classificação de conjunção do chinês Liao Qiuzhong.

II) Análise semântica dos marcadores chineses específicos, tais como 你看（Ni Kan）, traduzido em português é “você olha”, ou seja, “Veja”.

III) A partir das experiências do ensino de língua chinesa aos estrangeiros, foram também analisados os marcadores chineses, pesquisando o processo de aprendizagem dos marcadores.

Muitos estudos mostram, em línguas variadas, que os marcadores discursivo-conversacionais são resultados dos processos de gramaticalização e lexicalização.

Segundo Heine, Claudi & Hunnemeyer (1991) a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, de um morfema derivacional para um morfema flexional (GONÇALVES *et alii*, 2007)

Lexicalização é uma mudança na qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou formação de palavras como uma nova forma portadora de conteúdo com propriedades formais e semânticas que não são totalmente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão de formação de palavras. Com o passar do tempo, pode haver perda de constituência interna e o item pode tornar-se mais lexical. (BRINTON & TRAUGOTT, 2005, p.96).

Nos processos de formação dos marcadores, podemos ver as seguintes características:

1) Quanto à estrutura interna dos marcadores, os componentes já passaram por processo de gramaticalização, perdendo os sentidos originais. Por exemplo: “我看（Wo Kan）, 你还是别去了（Ni Hai Shi Bie Qu Le）.” A tradução literal é: Eu olho, é melhor você não vai. “看（Kan）” é um verbo chinês,

cujo sentido original é *olhar*, mas, neste caso, o seu sentido já se tornou mais abstrato, que é "achar, pensar". Por isso, a tradução correta da frase deve ser "Eu acho que é melhor você não ir." Em português, também existe esse fenômeno. Por exemplo: "Bom, me diga como foi a sua viagem da China para o Brasil." Nesse caso, a palavra "Bom" já perdeu a função de adjectivo, já se tornou um marcador de início de tópico.

2) Quanto ao aspecto semântico, o sentido de marcador não é somente uma soma simples dos significados de cada elemento, mas é uma combinação dos componentes. Por exemplo: "一句话（Yi Ju Hua）,他很好（ Ta Hen Hao）." A tradução literal será: *Uma frase, ele é bom*. "一句话（Yi Ju Hua）" tem o sentido original é "uma frase", no entanto, nesse caso a estrutura tem uma função de resumir o que tinha falado antes, a tradução correspondente deve ser "em resumo".

A classificação dos marcadores chineses não é totalmente correspondente à dos marcadores portugueses. De acordo com Wang Qian (2008), eles podem ser divididos em marcadores de estrutura lógica e marcadores de comunicação verbal.

Os marcadores de estrutura lógica classificam-se do seguinte modo:

Categoria causal: por exemplo, "结果（Jie Guo）" (iniciador para falar um resultado e transição)

Exemplo: 我本来要去海边，*结果*下雨了。（Wo benlai yao qu haibian, *jieguo* xiayu le）

Tradução: Eu gostaria de ir à praia, *mas* choveu.

Categoria de comparação: monstrando a relação lógica entre contextos, por exemplo, "可是（Ke Shi）" (Mas), "实际上（Shi Ji Shang）" (Na realidade, de verdade), "Bu Ran de Hua（不然的话）" (Senão).

Exemplo: 他中文说得很好，*实际上*他在中国生活过两年。（Ta zhongwen shuode henhao, *shijishang* ta zai zhongguo shenghuo guo liangnian.）

Tradução: Ele fala muito bem o chinês, *de verdade*, ele já morou dois anos lá na China.

Categoria de resumo: por exemplo "一句话（Yi Ju Hua）" (Uma frase, em resumo), "总的来说（Zong de Lai Shuo）" (falar de forma geral).

Exemplo: *总的来说*，巴西人民很热情（*Zongde laishuo*, baxi renmin hen reqing）.

Tradução: *De forma geral*, o povo brasileiro é muito caloroso.

Categoria de complementos: por exemplo: "还有（Hai You）" (Ainda mais).

Exemplo: 他已经回家了，*还有*他明天要去中国。（Ta yijing huijia le, *haiyou*, ta mingtian yaoqu zhongguo）.

Tradução: Ele já voltou para casa, *ainda mais* amanhã ele vai para a China.

Categoria de exemplos: "比如说（ Bi Ru Shuo）" (Por exemplo).

Exemplo：中国有很多名胜古迹，*比如说*，长城。（Zhongguo you henduo mingshengguji, *bi ru shuo*, changcheng.）

Tradução: A China tem muitos pontos turísticos e históricos, *por exemplo*, a Grande Muralha).

Os marcadores de comunicação verbal podem ser divididos em:

Categoria de atitude subjetiva: mostrando a atitude do falante, por exemplo: "我觉得（Wo Jue De）" (Eu acho), "说真的（Shuo Zhen de）" (Falo de forma sincera), "说实在的（Shuo Shi Zai de）" (Falo verdade).

Exemplo: 巴西的北部很美丽，但是*我觉得*夏天太热了。（Baxi de beibu hen meili, danshi *wo juede* xiatian tai re le）.

Tradução: O norte do Brasil é muito bonito, mas *eu acho que* o verão de lá é demais quente.

Categoria de comportamento verbal: Por exemplo "你听我说（Ni Ting Wo Shuo）" (Você me ouça), "你说（Ni Shuo）" (Você fala).

Exemplo：*你听我说*，明天一定会下雨。（*Ni ting wo shuo*, mingtian yiding hui xiayu）.

Tradução: *Você me ouça*, amanhã choverá.

Categoria de organizadores: as funções incluem mudança de tema, iniciação e continuação de conversação. Por exemplo, "好 （Hao）" (Bom), "然后（Ran Hou）" (Depois), "那么（Na me）" (Então), "那个（Na ge）" e "这个（Zhe ge）" (essas duas expressões significam originalmente *Este* e *Aquele*, mas, quando usados como marcadores, possuem uma função de iniciador, com um sentido de *Então*).

Exemplo: 今天很热，*那么*我们去吃冰淇淋吧。（Jintian hen re, *na me* women qu chi bingqiling ba）.

Tradução: Hoje está muito quente, *então* vamos tomar sorvete.

4.3 Classificação dos informantes

Considerando os níveis de domínio da língua portuguesa como estrangeira nos moldes do CELPE-BRAS, observamos que, entre os entrevistados, havia acentuada diferença de desempenho comunicativo. Para distingui-los, atribuímos os níveis entre 1 e 5.

Na análise desses critérios à produção linguística, o nível 1 foi atribuído a duas informantes com muitas limitações em se expressar na língua portuguesa e grandes problemas na compreensão do fluxo natural da fala, o que demandava, durante as entrevistas, explicações adicionais em língua materna para compreender as perguntas primariamente feitas em português. Outro dado interessante é que pausas e hesitações, nesse nível de conhecimento, são mais frequentes e exigem um grande esforço do interlocutor, o que pode conduzir a uma mais acentuada alternância no fluxo da fala entre língua portuguesa e língua materna (codeswitching). No campo do léxico, identifica-se vocabulário limitado para a explanação dos tópicos cotidianos, além de inúmeras interferências de outras línguas. Ainda é necessário considerar que, nesse nível, o uso limitado de estruturas não somente básicas, mas ainda das complexas, acompanhadas de muitas inadequações na utilização. No campo da pronúncia, constata-se interferência inadequada e acentuada de outras línguas.

Duas entrevistadas classificam-se no nível 1, por apresentarem os seguintes problemas na comunicação:

a) Incompreensão do fluxo natural da fala, tal como ocorre no exemplo seguinte:

Entrevistadora: O que você quer fazer no futuro?
Informante 1 : (Pausa com mais de 5 segundos).
Entrevistadora: (explicando em chinês).
Informante 1: Acho que agora não plena. (Informante feminino, nível 1, 1ª faixa etária).

Como podemos perceber pelo silêncio da informante 1, a entrevistada não conseguiu entender a pergunta em fluxo natural de conversa em português. Precisou de uma explicação em língua materna.

b) Pausas e hesitações para organização do pensamento, mais frequentemente, para resolver algum problema de construção linguística, com interrupções no fluxo da conversa. Vejamos o exemplo disso a seguir:

Entrevistadora: Se você tem outra opção, você prefere a China ou o Brasil?

Informante 2: Eh::, é problema, né. Eu não sei, se meu marido se ela, ele pode trabalhar na China, mas ela, ele::eh::decidiu ficar aqui no Brasil, então, eu, eu eu tenho de ficá aqui. (Informante feminino, nível 1, 2ªfaixa etária).

Nesse exemplo, informante 2 utiliza várias palavras de prorrogação para conseguir mais tempo para pensar e buscar palavras a fim de organizar o seu discurso.

c) Vocabulário inadequado para a discussão do tópico sobre o cotidiano, com algumas limitações acabavam por interferir no desenvolvimento de ideias. Isso vem demonstrado a seguir:

Entrevistadora: Sim, tem muitas aulas?

Informante 1: não, só serviço. Conversar, mas tem pouco aula. (Informante feminino, nível 1, 1 ªfaixa etária).

As palavras selecionadas para responder à questão não foram eficientes para a compreensão, assim causando dificuldade de entendimento.

d) Interferências de outras línguas, ocasionando algum comprometimento da interação. Por exemplo:

Entrevistadora: Sim, mas você sentiu alguma diferença cultural?

Informante 2: Eh::sim, sim. Eh:: como falar, eh::nós chineses é muito conservertos, mas brasileiros, eles são muito reqing (palavra chinês significa caloroso). (Informante feminino, nível 1, 2 ªfaixa etária)

e) estruturas de frases em uso com limitação. Por exemplo:

Entrevistadora: É mandarim? Não fala dialeto?

Informante 1: Não. Dialeto o meu pai não com as crianças fala, tudo é com eles, eles amigo, amiga fala dialeto. (Informante feminino, nível 1, 1 ª faixa etária).

Podemos observar que as frases da informante 1 são mais soltas, muitas vezes sem verbo, é uma acumulação de substantivo e objeto.

Três entrevistadas estão com segundo nível de proficiência, apresentando vocabulário adequado para a discussão de tópico sobre o cotidiano, mas com algumas limitações que podem interferir a organização do discurso. Por exemplo:

> Entrevistadora: mais caro que o Brasil?
>
> Informante 3: A ín não sei. Pense uma coisa, ah, não sei como falar (riso). (Informante feminino, nível 2, 1 ªfaixa etária).

Nesse caso, a informante queria apresentar a sua opinião, no entanto, ela não conseguia encontrar vocabulário ou estruturas rapidamente para expressá-la. Depois, ela desistiu de continuar falando sobre esse tópico.

Atribuímos nível 3 a quatro informantes, cujo vocabulário se apresentava mais adequado para a discussão dos tópicos sobre o cotidiano e para a expressão de ideias e opiniões sobre assuntos variados. Vejamos um exemplo:

> Entrevistadora: Quando você chegou no Brasil, era muito diferente?
>
> Informante 6: era muito diferente, assim, depende. Se você sai de uma cidade desenvolvida, quando você chega aqui, como você percebe, nossa, que rural. Porque 8 anos atrás, é bem diferente. Como eu falei, industrializada, a cor é cinza. (Informante masculino, nível 3, 1 ªfaixa etária).

O informante já domina a gramática da segunda língua e a utiliza produtivamente para narrar vários assuntos, inclusive descrevendo cenas e situações. No entanto, as frases são curtas com estrutura simples.

Com relação à estrutura gramatical, notamos que algumas inadequações na utilização de estruturas complexas e pouca inadequação no uso de estruturação básica apresentam-se. Por exemplo:

Informante 5: Sim. Não sinto muito, porque eu sempre falei com os meus amigos brasileiros, porque aqui as duas países são muito parecidos, os chineses também não é muito fechado, eh::que::eh::como fala, muito aberto, conheço amigo novo, brasileiros também é mesma coisa. Cultura, diferença é assim, os chineses falam uma coisa não é muito direto, brasileiro é muito direto. (Informante masculino, nível 3, 2 ª faixa etária).

Na narração do informante, acontecem poucos erros de gramática, tais como concordância de plural e gênero, os mais comuns entre os chineses ao utilizar o português.

Três entrevistados foram classificados no nível 4, por terem uma boa compreensão do fluxo natural da fala e apresentarem desenvolvimento e autonomia. Por exemplo:

Entrevistadora: Bom, como foi a sua viagem para o Brasil, você lembra? Os detalhes, a organização, como foi a sua vinda para cá?

Informante 11: Foi, então, final:: Acho que eu cheguei aqui era 27 de setembro de 2007, agora eu lembro. A minha mãe voltou para a China para mim buscar assim, final de, final de 2006 assim, demorou muito para conseguir visto, demorou quase um ano, né. Final de dezembro até, até eh, dez meses. Porque os brasileiros erravam os meus nomes, porque o meu nome dos chineses são meio estranhos assim, eles sempre erravam, tipo já erravam uma letra, ou faltavam uma letra e fica errando várias vezes, daía gente repetindo vários trabalhos, daí por isso demorou muito para conseguir visto. Eu vim ao Brasil, também foi a primeira vez eu peguei avião assim. Foi uma viagem muito legal, eu nunca tinha, nunca tinha pego avião assim. Da china para cá demorou 23 horas, né. (Informante feminino, nível 4, 1 ª faixa etária).

Ainda esses informantes não se limitam a respostas breves, contribuindo para o desenvolvimento da conversa. E isso se dá por meio de vocabulário amplo e adequado para a discussão de tópicos do cotidiano e para a expressão de ideia e opiniões sobre assuntos variados. Ao mesmo tempo, conseguem usar uma variedade ampla de estruturas.

As restantes 3 entrevistadas foram classificadas no nível 5, com vocabulário amplo e adequado e raras interferências de outras línguas. Os informantes usam uma variedade ampla de estruturas, raras inadequações na utilização de estrutura. Além disso, a pronúncia (som, ritmo e entonação) mostrou-se adequada à do português. Por exemplo:

> Entrevistadora: Mas você já sabia algum português ou não?
>
> Informante 15: depois de eu soube que eu iria para o Brasil, vai comprar um livro, chamado Puyu Sanbaiju, né. Ainda tem aquele livro, não me lembro, mas era português de Portugal. Eu não lembro, eu lembro que eu estudava aquele livro e falava aquele jeito, tava errado. Eu lembro um exemplo, aqui falava mais ou menos, né. Em livro ensinava nem bem nem mal, e quando eu falava nem bem nem mal, a pessoa ficava eh? O quê? Era diferente, sabe. Não era que eu esperava, mas porque era muito pequena, muito nova, né. A minha espectativa não era assim, muito realista, sabe, acho. (Nível 5, feminino, 2 ªfaixa etária).

Como todos os informantes moram, estudam ou trabalham em São Paulo, de qualquer forma eles têm contatos com o português no dia a dia, no entanto, apresentam-se, como pudemos já evidenciar, diferentes graus de contato com o português.

Atribuímos baixa frequência de contato a duas informantes, por isso elas também estão com nível 1 de domínio de português. Uma trabalha na agência de turismo chinesa, cujos clientes são principalmente os chineses. A outra é dona de casa, casada com chinês e seu trabalho principal é cuidar dos filhos de 4 até 8 anos. Nos tempos livres, elas também ficam na comunidade chinesa, por isso elas têm muito mais contato com o chinês do que com o português.

Há quatro informantes com frequência média de contato com português; duas delas estão fazendo faculdade nas universidades particulares em São Paulo, onde os cursos são ensinados em português. O terceiro é funcionário chinês que trabalha numa empresa chinesa em São Paulo, onde há funcionários brasileiros e chineses. O último também trabalha na empresa chinesa. Todos disseram que têm mais amigos chineses que brasileiros, e somente usam o português na faculdade e no trabalho, a língua principal da comunicação é língua chinesa.

Os informantes restantes mostram ter alta frequência de contato com o português: duas são casadas com brasileiros e ensinam o chinês para os brasileiros; um estuda na faculdade e trabalha na empresa brasileira; uma outra informante é professora da USP; ainda outra é tradutora com muita experiência de chinês e português; e dois formados da USP trabalham na empresa brasileira, em que um está fazendo graduação na USP e também trabalha na empresa. A língua mais usada no cotidiano desses informantes é o português.

Um fenômeno interessante sobre os imigrantes chineses é que eles não têm uma profissão definida, quer dizer, eles assumem vários papeis ao mesmo tempo. Por exemplo, um pode ser tradutor e também professor de chinês, estudante e comerciante. Mesmo que seja dona da casa, também faz alguns negócios pequenos para ajudar a família.

Considerando os critérios até o momento aplicados, podemos rearranjar os informantes numa tabela da seguinte forma:

Informante	**Nível de Fluência**	**Frequência de Contato**	**Idade**	**Sexo**
Informante 1	1	Baixa	20-30	Feminino
Informante 2	1	Baixa	30-40	Feminino
Informante 3	2	Média	20-30	Feminino
Informante 4	2	Média	20-30	Feminino
Informante 5	2	Média	30-40	Masculino
Informante 6	3	Alta	20-30	Masculino
Informante 7	3	Alta	30-40	Feminino
Informante 8	3	Alta	30-40	Masculino
Informante 9	3	Média	40-50	Masculino
Informante 10	4	Alta	20-30	Masculino
Informante 11	4	Alta	20-30	Feminino
Informante 12	4	Alta	30-40	Masculino
Informatne 13	5	Alta	40-50	Feminino
Informante 14	5	Alta	40-50	Feminino
Informante 15	5	Alta	30-40	Feminino

Tabela1: Amostra dos falantes entrevistados e suas diferenças na comunicação

No início da abordagem, como os informantes são amigos da pesquisadora, é mais fácil para eles aceitarem o pedido para realizarem entrevista para a pesquisadora. Como os chineses normalmente não costumam falar com desconhecidos, especialmente em uma língua estrangeira, se não fosse a entrevistadora também chinesa, provavelmente os dados não seriam registrados. Notamos, ainda, que os homens são mais hesitantes e resistentes em aceitar realizar entrevista em outra língua.

A maioria dos informantes emitiu juízo de valor sobre sua fluência em língua portuguesa: consideravam que sua fala não era “boa”. Os mais velhos tentaram se esquivar e não participar da entrevista, no entanto, os jovens com idade entre 20 e 30 anos aceitaram mais facilmente gravar as entrevistas em português. Os mais velhos apresentaram menor confiança ao se comunicar em português e demonstraram não estar acostumados a falar português com chineses. Entre as entrevistas realizadas, as femininas geralmente demonstraram maior proficiência na pronúncia do que os masculinos. Uma prática comum entre os chineses é usar o tom para trocar o código. Assim, quando esses informantes falavam em língua portuguesa, naturalmente diminuíam o volume da voz comparativamente aos trechos em que falavam chinês. Talvez esse seja um correlato interessante para descrever a insegurança sobre o domínio da língua estrangeira.

Para os imigrantes chineses em São Paulo, correu um rápido processo de contato linguístico, isso apresenta caraterísticas que podem ser consideradas como pidginizantes. De todo modo, deparamo-nos, com a reestruturação de diversos pontos de gramática, por exemplo, os fenômenos mais comuns de falta de artigos (exemplo 1, em que o artigo “os” deveria ter sido inserido antes da palava estudos), também é comum, na fala, a falta de preposições (exemplo 2, em que falta a preposição de, regência exigida pelo verbo *gostar*), falta de concordância de verbo (exemplo 3, em que a conjugação do verbo *falar* não corresponde ao sujeito de primeira pessoa do singular “falo”), de número (exemplo 4, em que não há a concordância entre a palavra *muito* e o substantivo que acompanha) e de gênero (exemplo 5, em que a palavra “Cidade” é feminina, por isso o adjetivo “globalizado” também precisaria estar no feminino).

Exemplo 1: Naquela época de 16 anos, a grande parte do meu tempo usa para estudos. (Informante masculino, nível 4, 1 ªfaixa etária).

Exemplo 2: Sim, é muito diferente. Mas eu gosto muito o Brasil. (Informante feminino, nível 1, 2 ªfaixa etária).

Exemplo 3: Eu falo inglês, mas se eu, por exemplo, fala muito bem português, acho que vou ter 10 vezes mais amigos brasileiros. (Informante masculino, nível 3, 2 ªfaixa etária).

Exemplo 4: Mas aqui não tem muito cursos para crianças para colher. (Informante feminino, nível 1, 2 ªfaixa etária).

Exemplo 5: Wenhzou é uma cidade famosa, mas é pequena, por isso não é tão globalizado. (Informante masculino, nível 4, 1 ªfaixa etária).

Como a língua chinesa é uma língua monossilábica, na gramática chinesa, não existem artigos, nem plural e tampouco conjugação do verbo, por isso, é bem comum encontrar nas entrevistas alguma confusão ou interferência nesses usos.

Outra característica nas falas dos imigrantes é ilustrada pelo uso de mais frases curtas e simples, sem emprego de conjunção. Observe-se a ilustração a seguir:

> Informante 6: quando eu cheguei no Brasil, não teve amigos. Eu não conhecia ninguém. Até um dia vem um amigo conhecido do meu pai, ele me levou para a igreja. E aí eu comecei a conhecer monte de pessoas, assim. No início, não tinha, assim, essa, como eu falo, se você vai acreditar ou não acreditar, naquela época, era tanto faz. Aí o pastor força, acreditar, acredita, acredite. Você tem que ter uma coração de jesus, uma coisa assim. (Informante masculino, nível 3, 1 ªfaixa etária).

Neste parágrafo, podemos ver que o entrevistado conseguiu relatar ou descrever sem dificuldade uma situação, a estrutura básica das frases é sempre sujeito, verbo e objeto, e normalmente as frases mais soltas.

Na língua chinesa, por não haver conjugação dos verbos, em cada frase é necessário dizer o sujeito; no caso da língua portuguesa é diferente; o verbo já representa de certa maneira o sujeito, o que em tese permitiria a elisão do sujeito. No entanto, o que presenciamos é que brasileiros costumam preencher a casa do sujeito em altos – quando não categóricos – índices. Os chineses preferem colocar o sujeito no início das frases, tal como ocorre nas línguas chinesas e, ao fazerem isso, aproximam sua gramática daquela mais frequentemente utilizada pelos nativos.

Pelo exemplo anterior, notamos outras semelhanças com a gramática do falante nativo. Outro exemplo é a regência do verbo de movimento **ir**, que pediria, na normatividade, preposição **a**. No entanto, a opção é pela preposição **em**, costumeiramente também usual entre os nativos nesse contexto. Observação similar, pode-se fazer com relação ao emprego do sequenciador **aí**

4.4 Análises dos dados e Interpretação dos marcadores discursivo-conversacionais usados

A hipótese inicial desta pesquisa era que, quanto mais baixo o nível de proficiência de língua, menor seria a utilização dos marcadores. Quanto ao fator sexo, a hipótese era de que as mulhers usariam mais rodeios para falar do que os homens, porque o estilo feminino seria menos assertivo por influência da cultura e socialização dos dois sexos. Como na cultura chinesa, desde sempre o papel das mulheres é

inferior ao dos homens, torna-se comum que a submissão e a insegurança da mulher se mostrem na comunicação. Dessa forma, o uso de marcadores serviria para amenizar o seu discurso.

Os marcadores não lexicalizados do tipo **Ah, Oh** tanto podem ser produzidos pelos falantes quanto pelos ouvintes durante a interação. Os marcadores do falante são frequentemente preenchedores de pausas indicativas de hesitação ou sinalizam momentos de planejamento textual. Os marcadores do ouvinte, por sua vez, sinalizam a atenção, o interesse, o assentimento, ou o apoio do ouvinte ao falante, como uma espécie de monitoramento em que se emite a mensagem "estou entendendo; continue a falar".

Quando os informantes possuem nível mais baixo de proficiência da língua, notamos que o interlocutor precisa mobilizar mais marcadores não lexicalizados a fim de dar confiança aos informantes. No entanto, não foram analisados os marcadores do entrevistador nesta pesquisa.

Quase todos usam, desde os níveis menos fluentes, o marcador mais nitidamente internacional **Né**. Sua função é tão necessária a alguém com pouca fluência, porque assegura ao falante que o interlocutor está compreendendo e acompanhando o desenvolvimento do raciocínio. Esse fato pode ser ilustrado pelo trecho seguinte da entrevista de nível 1:

Exemplo 7: Porque isso não é faculdade, não é *Zhuanye* (especialização), né? (Informante 1, nível 1, feminino, 1ª faixa etária)

Nesse trecho, nota-se o emprego da partícula **Né** na mesma sequência de **não é**, o que evidencia, aliás, que essa informante não reconhece que ambos sejam historicamente relacionados e concorre no mesmo domínio funcional. Até onde podemos verificar, há o desconhecimento dessa correspondência em português. Num outro caso semelhante, esse mesmo padrão de comportamento se manifestou.

Ainda sobre o mesmo marcador, sabe-se que sua posição sintática preferida é o final de unidade entonacional. No entanto, ele acumula uma ambiguidade funcional interessante: tanto pode funcionar como marca de passagem consentida quanta de passagem forçada de turno.

Por isso, as formas do tipo "Requisitos de Apoio Discursivo", dentre todas as levantadas no estudo inicial dos marcadores conversacionais foram as mais frequentes. Esses marcadore parecem ter, como função principal, a de manter o fluxo da conversa ativo e também a harmonia os participantes no jogo interativo.

Tabulando os usos em face da fluência apresentada por cada um dos informantes, chegamos ao seguinte resultado dessa correlação:

A média a que nos referimos no quadro seguinte foi calculada da seguinte maneira: a quantidade total de certo marcador divide pela quantidade dos informantes de cada nível.

Nível de informante	Média de quantidade "Né"	Média de quantidade "Viu"	Média de quantidade "Entendeu"	Média de quantidade "Sabe"
Nível 1	6	0	0.5	0
Nível 2	1	0	0	0
Nível 3	4.25	0.25	0.25	0

Nível 4	9	0.67	0.33	1
Nível 5	37.7	0	0	2.67

Tabela 2: Emprego dos Requisitos de Apoio Discursivo

Os Requisitos de Apoio Discursivo mais usados foram Né, inseridos nas falas de informantes com fluência distribuída entre os níveis 1, 4 e 5. Quanto no nível 1, como as informantes não apresentaram muita confiança sobre a língua, imaginamos que justamente por isso elas se sentiram pressionadas a buscar o apoio e o acompanhamento do interlocutor. No entanto, nos níveis de fluência 4 e 5, o uso de **né** apresenta-se um pouco alterado. Como os discursos dos informantes apresentam maior autonomia argumentativa em que apresentam os seus próprios pontos de vista sobre vários assuntos, então esse marcador é mobilizado para marcar a troca de opinião com vistas a manter a interação mais dinâmica com a entrevistadora. O uso dos outros marcadores "Viu", "Entendeu" e "Sabe" mostram que quanto maior proficiência da língua, mais frequência de uso se manifesta nas falas dos informantes.

Quanto ao fator de sexo, os resultados foram os seguintes:

Nível		Média de quantidade "Né"	Média de quantidade "Viu"	Média de quantidade "Entendeu"	Média de quantidade "Sabe"
Nível 2	F	1	0	0	0
	M	1	0	0	0
Nível 3	F	9	1	0	0
	M	2,67	0	0	0.33
Nível 4	F	14	0	0	1
	M	6.5	0	1.5	0

Tabela 3: Contraste de usos dos Requisitos de Apoio Discursivo entre os sexos

Podemos depreender a tabela anterior que as chinesas usam, de forma geral, mais marcador de Requisitos de Apoio Discursivo do que os chineses. Essa constatação parece espelhar-se, de fato, nas demandas culturais de origem.

Esse preechimento discursivo revela-se presente na língua de contato desde muito cedo, que corresponde com o período em que os falantes saem da fase de palavras isoladas ou de frases muito curtas e comecem a construir um discurso mais longo, com narrativas, descrições e argumentações mais fluentes.

Em todas as entrevistas, registra-se ocorrência de **Eh,** e **Hmm.** Essas ocorrências sinalizam momentos maiores ou menores de hesitação, revelando vários aspectos relacionados às condições de produção e de transmissão do texto falado. Pode-se denominá-los, portanto, de marcadores de hesitação. Os marcadores de hesitação (Urbano, 1993) incluem:

a) Alongamentos, combinação ou não com pausas (por exemplo, o alongamento parece significar também pedidos de socorro. Com efeito, a interlocutora virá em auxílio do falante)
b) Pausas longas
c) Pausas preenchidas por elementos lexicais, como **Assim**.
d) Repetições, principalmente de palavras gramaticais (preposições, artigos, etc.)
e) Cortes de palavras ou de entonação, interrupções sintáticas ou semântico-sintáticas.

De acordo com Luiz Marcuschi, os elementos de hesitação decorrem de várias causas: falta ou falha de planejamento verbal ou semântico prévio; desconhecimento do assunto, de vocabulário ou de certas estruturas linguísticas, falhas de memórias, etc.

Os resultados quanto ao fator de proficiência foram os seguintes:

Nível de informante	Média de quantidade "Eh"	Média de quantidade "Hm"
Nível 1	12.5	0
Nível 2	10.67	0.67
Nível 3	4.75	0.5
Nível 4	9	3.33
Nível 5	34	0.33

Tabela 4: Emprego dos Marcadores de Hesitação

Na tabela, os falantes de nível 1 e nível 5 usam mais marcadores de hesitações. Os falantes menos fluentes usam esse tipo de marcador porque sentem dificuldade em construir frases e manifestar as suas ideias, então recorrem a algum marcador para ganhar mais tempo para se organizar em seu discurso. No entanto, os falantes proficientes usam-nos por outras razões. Eles não os usam devido à dificuldade de construção do discurso, mas porque os seus discursos são mais narrativos ou mais argumentativos. Estas são as razões por que marcadores de hesitação são recrutados por esse tipo de informante: para lembrar as histórias ou organizar os argumentos.

Quanto ao fator de sexo, os resultados são seguintes:

Nível		Média de quantidade “Eh”	Média de quantidade “Hm”
Nível 2	F	10	0
	M	12	2
Nível 3	F	31	1
	M	5	0.33
Nível 4	F	3	1
	M	8.5	4.5

Tabela 5: Constraste de usos dos Marcadores de Hesitação entre os sexos

A hipótese inicial foi que os homens usariam menos marcadores de hesitação, porque os homens são mais decisivos e as mulheres são mais hesitantes, no entanto, depois de analisar os dados, não verificamos qualquer diferença óbvia entre os resultados. Pode ser que a velha cultura no novo ambiente seja neutralizada, mas também pode ser que esses marcadores não sejam confiáveis nessa distinção pretendida.

A outra função que ocorre desde as primeiras fases de aprendizagem de segunda língua, num sistema de imersão, é a de organização do discurso enquanto texto. Nessa, os marcadores tais como **Aí** e **Então** são os mais frequentes por serem mais facilmente reconhecidos em contextosl e por articularem as partes menores do discurso.

Logo, verificamos que, quando aumenta a proficiência na língua, também aumenta o uso de **Então**, mesmo que os falantes mais fluentes já dominem outras estratégias coesivas. Outro fato percebido é que **Aí**, originalmente dêitico de lugar,

tem assumido novas funções, ou seja, está passando metaforicamente por um alargamento de suas funções.

O conectivo **Aí** aparece com mais frequência em narrações, o que se liga ao fato de essa partícula ocorrer com mais frequência nas sequências oracionais que envolvem verbos de ação. Além de apresentar alguma função semelhante às de conectivo, semelhante em parte à conjunção "e", funciona também como um organizador de trechos do discurso: indica sequência temporal e configura-se como um dos recursos linguísticos para indicar a mudança de assunto ou de tópico.

Os resultados quanto ao fator de proficiência foram os seguintes:

Nível de proficiência	Média de quantidade "Aí"	Média de quantidade "Então"
Nível 1	0	2.5
Nível 2	3	2.67
Nível 3	11.5	12.7
Nível 4	19.3	7.3
Nível 5	14.7	18.7

Tabela 6: Emprego dos Marcadores dos Sequenciadores

Através da tabela acima, verificamos mais coerentemente a distribuição dos dados. A relação entre o nível de proficiência e a frequência de uso é óbvia, quando se detém maior fluênciate, o que acarreta em maior uso de sequenciadores. As frases das informantes de nível mais baixo são mais isoladas representadas normalmente por respostas curtas. Dessa forma, usam bem menos os marcadores com função de sequenciadores. Quanto aos falantes fluentes, estes narram e contam as

suas histórias, manifestam as suas opniões, então são mais vezes mobilizados esses marcadores.

Quanto a relação entre o sexo e a frequência dos sequenciadores:

Nível		Média de quantidade "Aí"	Média de quantidade "Então"
Nível 2	F	4.5	1.5
	M	0	5
Nível 3	F	5	28
	M	5	3.333
Nível 4	F	37	6
	M	10.5	8

Tabela 7: Constraste de usos dos Marcadores de Sequenciadores entre os sexos

Podemos observar, através da tabela, a distribuição de dados produzidos por chinesas. Elas também usam mais vezes sequenciadores do que os chineses.

O marcador **Assim** não só funciona como um reformulador em sintagmas, mas também como um processador (Silva & Assafin, 1994). Como já referimos anteriormente, o item "Assim" é incluído pelas gramáticas entre os advérbios, quando, na realidade, porém, são muito mais frequentes com a função discursivo-conversacional.

A hipótese geral era de que falantes mais inseguras, possivelmente os falantes de proficiência mais baixa ou as mulheres, usariam mais esse tipo de marcador. Os resultados quanto ao fator de proficiência foram os seguintes:

Nível de proficiência	Média de quantidade "Assim"

Nível 1	0
Nível 2	2.67
Nível 3	11.75
Nível 4	14
Nível 5	13

Tabela 8: Emprego de marcador “Assim”

Através da análise dos dados, não nos foi possível ratificar nossa hipótese inicial. Explicamos: os falantes com o nível mais alto de domínio da língua apresentaram uma frequência de uso do item **Assim** maior do que do grupo menos proficiente. E quanto ao sexo, como demonstram os dados abaixo apresentados na tabela, os chineses parecem usar com maior frequência o item “Assim”.

Quanto a relação entre o sexo e a frequência dos sequenciador:

Nível		Média de quantidade “Assim”
Nível 2	F	2.5
	M	3
Nível 3	F	1
	M	15
Nível 4	F	15
	M	10.5

Tabela 9: Constraste de usos de marcador “Assim” entre os sexos

Ainda algumas observações tornam-se relevantes. Os marcadores **“Ah”**, **“Bom”** e **“Olha”** normalmente são iniciadores de resposta. Mas não foram somente esses os iniciadores. Provieram de diversas categorias gramaticais, como a interjeição

“Ah”, o adjetivo “Bom” e o verbo “Olha”, os quais migram de uma classe descrita na gramática e ingressam em funções do nível discursivo-interacional, alterando o significado e a função na unidade comunicativa..

De acordo com as afirmações e resultados de estudos de Alzira Macedo, Claudia Roncarati e Maria Cecília Mollica (1996), os iniciadores **“Ah”, “Bom” e “Olha”** serviram igualmente como organizadores do discurso, pois marcam o início de turnos. Ainda assim cada um manteria sua função específica.

No nível de organização do texto, demarcam o início de uma apresentação ou de assunto novo. No nível interacional, exercem concomitantemente a função de atenuadores, nas situações em que é preciso preservar a face do interlocutor.

“Ah” é mais empregado em perguntas objetivas ou em respostas com postura objetiva, em situações de confirmação da pergunta do falante ou em respostas positivas ou otimistas.

Por exemplo:

> Entrevistador: É brasileiro ou chinês?
>
> Informante 6: Chinês. **Ah**, eu não importo namorar com chinês ou brasileiro. A minha mãe também não, a minha mãe falou que, ah, só se eu gosto, tá bom. Mas ela disse que tem que avaliar. (Informante feminino, nível 4, 1ª faixa etária).

“Bom” é preferentemente usado para casos de respostas com críticas ou discordâncias à pergunta do entrevistador. Ademais comum à estrutura dessas

respostas inciando-se pela concordância, para logo após apresentar-se o argumento discordante ou a postura crítica ou negativa.

"Olha" é empregado também para assuntos subjetivos e para posturas críticas. "**Bom**" parece como estrutura preferencial, primeiro apresentar a parte concordante e depois a discordância. "**Olha**" parece ser bastante frequente na introdução do ponto de vista do falante.

Os resultados quanto ao fator de proficiência foram os seguintes:

Nível de proficiência	Média de quantidade "Ah"	Média de quantidade "Bom"	Média de quantidade "Olha"
Nível 1	3	0	0
Nível 2	1.67	0	0
Nível 3	3.75	0	0
Nível 4	6	0	0
Nível 5	3.67	0	0

Tabela 10: Emprego de marcadores de "Ah", "Bom" e "Olha"

Quanto a relação entre o sexo e a frequência dos sequenciadores:

Nível		Média de quantidade "Ah"
Nível 2	F	2.5
	M	0
Nível 3	F	4
	M	3.67
Nível 4	F	13
	M	2.5

Tabela 11: Constraste de usos de marcador “Ah” entre os sexos

A frequência de uso dos iniciadores não apresenta uma grande diferença entre os falantes de níveis diferentes. Nas entrevistas, nenhum dos informantes usou **Bom** e **Olha.** Sabemos que os iniciadores de turno estão ligados aos aspectos da polidez (Macedo, 1994), mas, isso não significa que eles não sejam polidos, mas sim que não indicam a polidez por meio dos mesmos itens lexicais que os falantes nativos.

Quanto ao fator *sexo*, os chineses usam bem menos marcadores não lexicais do tipo “**Ah**” do que as mulheres.

Além dos marcadores anteriormente citados, os informantes dos níveis 2, 3, 4 e 5 também usaram **Sei lá** nas entrevistas, esse marcador é “redutor”. Sua função é evitar uma postura assertiva ou autoritária que possa ofender/constranger o locutor de alguma forma. Também usaram outros marcadores, tais como **Deixou ver**, **Como fala**, e entre outros.

Todos esses usos e as diferenças entre os graus de fluência nos permitem afirmar que as funções discursivas estão presentes na língua de contato desde muito cedo. Tão logo os falantes saiam da fase de palavras isoladas ou de frases muito curtas e comecem a usar um discurso mais longo, com narrativas, descrições e argumentações mais fluentes (Macedo, 1997) já iniciam seu uso.

Através da análise dos resultados anteriormente apresentados nas diversas tabelas, podemos considerar válida a direção de menos fluente para mais fluente e de menos contato para mais contato como influenciadoras dos usos:

- fluente **+ fluente**

- contato	**+ contato**
- marcadores	**+ marcadores**

A regularidade no seu emprego mostra, enfim, que, a despeito de serem considerados, em muitas gramáticas normativas, vícios de linguagem, são, ao contrário, sistematizadores da gramática discursivo-interacional.

CONCLUSÃO

Nos capítulos iniciais desta dissertação, expusemos que, com o desenvolvimento da comunicação e da sociedade, movimentos migratórios foram se tornando cada vez mais dinâmicos no palco mundial. As pessoas saíram de um país para procurar o melhor emprego ou vida em outro país de melhores perspectivas. Os chineses, especialmente os do litoral, que já têm costume de emigrar, com as políticas migratórias relativamente livres e o densenvolvimento acelerado do país, tornaram o Brasil um dos destinos mais populares.

Embora a história da imigração para o Brasil pelos chineses recentemente tenha completado 200 anos, o grande fluxo da imigração chinesa só começou a partir dos anos 50 do século passado, especialmente depois de lançar a política de reforma e abertura que abriu a porta da China para estrangeiros. A despeito desse pequeno lapso temporal, os chineses constituem uma comunidade importante no comércio de São Paulo.

Como foi apresentado anteriormente, no Brasil, principalmente em São Paulo, concentra-se uma grande quantidade de imigrantes chineses. Entre eles, uma grande parte é homem. No mercado de trabalho, os homens e as mulheres são separados por setor de atividade, pela qualificação e pelo tipo de trabalho efetuado.

Como os homens são sempre responsáveis por ganhar as fortunas, podendo contar com o auxílio das mulheres nos negócios da família, têm um papel de protagonista no sucesso profissional. O que temos visto é que a maioria das chinesas

não tem autonomia de imigração e, se migram, o fazem para acompanhar o marido ou a família.

Após sair a campo para colher entrevistas de chineses em São Paulo, verificamos que em alguns aspectos essa diferença pode ser minimizada. Através das entrevistas com os imigrantes chineses com faixa de idade de 20 até 50 anos, foi possível perceber que, embora haja várias diferenças culturais, esses indivíduos estão tentando integrar-se na comunidade e na sociedade paulistana. Uma evidência disso é o grande número de chineses que aprendeu português ativamente depois de chegar ao Brasil. Adicionalmente, possuem a vantagem de poder aproveitar a relação entre os dois países para se estabelecerem em São Paulo.

Nas falas dos imigrantes chineses, há algumas características em comum: absorvem e fazem uso rapidamente das palavras populares dos brasileiros, no entanto, por causa da grande influência da língua materna, neste caso a língua chinesa, percebe-se um uso acentuado de frases com estruturas mais simples, ao lado da dificuldade em conjugar os verbos, flexionar os plurais, os gêneros e usar os artigos.

Para estudar um fato linguístico capaz de lançar visão também sobre a forma de articulação discursiva e de interação social, assim como a integração maior ou menor de chineses aos hábitos comunicativos brasileiros, selecionamos os marcadores discursivo-conversacionais para uma análise mais detida.

Como já afirmamos, os marcadores conversacionais são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerados não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou

destes em relação ao discurso, o que nos permitiria analisar a correlação entre fluência e uso.

O aspecto relevante dos marcadores é o das funções que desempenham. Pode-se dizer que desempenham funções mais genéricas e funções mais específicas, sendo bem genérica a função articuladora ou estruturadora. São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar. Essa complexidade de funções pode constituir-se uma dificuldade, pois o termo é o mesmo, mas deve ser empregado em diferente domínio funcional ou não provocará o efeito pretendido.

Os marcadores são interessantes, pois mostram um comportamento distinto. Sua diversidade de uso também revela a existência de funções diferenciais, o que equivale a dizer que os falantes com mais proficiência usam mais marcadores com função de organizar ou articular o texto, mas não somente.

Embora muitos imigrantes morem há muito tempo em São Paulo, possuam um vocabulário razoável e dominem bem a gramática, ainda encontram dificuldades na conversação, e é muito fácil deixar os brasileiros perceberem que a fala deles é um pouco diferente. Além da pronúncia, uma outra razão é o uso inadequado ou falta de uso dos marcadores discursivo-conversacionais..

Para gerar discurso contam com três etapas: primeiro, planejar o discurso; segundo, construí-lo; e, terceiro, expressar-se. De acordo com a teoria de cognição, as palavras não são armazenadas livremente no cérebro, elas são colocadas de acordo com alguma categoria (XU, 2000). Ao mesmo tempo, as palavras também não são

isoladas, mas são ligadas como uma grande rede de acordo com as suas próprias características. Quando o falante busca uma palavra, as relacionadas também vão ser ativadas, e as ativadas são mais fáceis para se levantar. Quando uma palavra tem um sentido mais concreto, é mais fácil ser lembrado; ao contrário, quando o sentido é mais abstrato, é mais difícil memorizar.

Os marcadores, na aprendizagem, são mais isolados. Comparando com as outras classes concretas, aprender usar os marcadores exige mais tempo. Como a conversação oral tem característica de oportunidade, falantes precisam responder rapidamente, por isso eles escolhem uma maneira mais segura que é deixar os marcadores discursivo-conversacionais fora da fala, e essa decisão promove a limitação da quantidade e frequência de uso.

Uma descoberta interessante – que pode ser uma contribuição relevante desta pesquisa – é que os chineses e chinesas empregam os marcadores conversacionais para reformular ou até codificar traços ligados à polidez, muitas vezes guiados por hábitos da cultura de origem. Já os falantes com baixa fluência diversificam menos e, quando empregam o marcador mais básico, o fazem para monitorar, via interação, a compreensão do interlocutor. Assim, a fluência na língua aprendida na nova cultura pode ter como bom instrumento de identificação quanto ao nível os marcadores conversacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANEZI, Maria Silvia B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide Lopes. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.* São Paulo: FNUAP, 1995, pp.1-38.

BENERIA, LOURDES *et alii* (eds). *Gender, a special issue on globalization, Feminist Economics*. Vol.6, nº3, nov., 2000, pp.7-18.

BI, MENGYIN. *Os retornados da América Latina em Macau***.** Linguagem, Cultura e Interação: Espaços simbólicos construídos em língua portuguesa na China, Parte I: Histórias, personagens e espaços. Revista Fragmentum, Nº35, 2013

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. A pesquisa em psicologia - análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: *Diálogos Metodológicos sobre a prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

BRINTON, L.J.; TRAUGOTT, E.C**.** *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CALVET, Louis-Jean**.** *Sociolinguística: uma introdução crítica/Louis-Jean Calvet***.** Tradução Marcos Marcionilo**.** São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Para o estudo das unidades discursivas**.** In: Ataliba Texeira de Castilho (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas, Edit. da UNICAMP, 1989, pp. 249-279.

CHEN Tsung Jye; SHYU David Jye Yuan; JR António José Bezerra de**.** Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua. *Synergies Brésil* nº7, 2009, pp. 57-64.

CHEN, Zhengyu, PIAO Minxiu. *Os marcadores discursivos "Ni Kan" "Wo Kan" e utilização*. Ciência de língua, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FALQUET, Jules. *Repensar as Relações Sociais de Sexo, Classe e "Raça" na Globalização Neoliberal.* Paris: PUF, 2008

FISHMAN, JOSHUA A. Language Loyalty in the United States. The Hague: Mouton—1988. English only: its ghosts, its myths, and danger's. *International Journal of the Sociology of Language* 74, 1966, pp.125-40.

GORDEN, R.. *Strategy, techiniques and tactics.* Homewood, Illinois: Dorsey Press, 1987.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; Lima-Hernandes, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia (orgs.). *Introdução à gramaticalização.* São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, B; CLAUDIA, U; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a Conceptual Framework.* Chicago: The University of Chicago, 1991.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. *In: Sociologias.* Porto Alegre, ano 11, nº21, jan./jun., 2009, pp. 24-41.

IBGE. *Censo 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas*. Disponível em: <http:// www.ibge.org.br> Acesso em: 6 fev. 2012.

ILARI, Rodolfo. e GERALDI, J.Wanderlei. *Semântica*. 2ed. São Paulo, Ática, 1985.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo Da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. *In: Pro-Posições*, vol.13, N.1 (37), 2002.

LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. *Direito de Imigração: O estatuto do Estrangeiro em uma perspectiva de direito humanos.* Porto Alegre: Núria Fabris Ed. 2009, pp.31-67.

MACEDO, Alzira V.T**.** Como iniciar o turno. *Revista Tempo Brasileiro* II **7**, 1994, pp. 45-54.

MACEDO, Alzira Tavares de, RONCARATI Claudia, MOLLICA Maria Celia (organizadoras). *Variação e discurso.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MACEDO, Alzira V.T. 1997. *Variação dos marcadores em primeira e em segunda língua.* Concurso para professor titular do Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ, julho de 1997.

MAGALHÃES, Valéria. **O Brasil no Sul da Flórida.** São Paulo: letra e Voz, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: forma, posições e funções. In: Ataliba Texeira de Castilho (org.)-*Português culto falado no Brasil*. Campinas, Edit. da UNICAMP, 1989, pp. 281 322.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação.* Editora Ática. São Paulo, 1986, pp.61-74.

MOUJOUS, Nasima. *Migrantes seules du Maroc Sans Papiers en France: Dominations imbriquées et résitances individuelles.* Thèse de doctorat em Anthropologie. Paris: EHESS, 2007.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto, ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados.* 1.ed.1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PATARRA Neide L., BAENINGER Rosana. *Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil.* Montevideo: Programa de Población. Faculdade de Ciencia Sociais de Universidade de La Republica/Ediciones Trilee.1995. p.78-87.

PORTES, Alejandro; HAO, Lingxin. The price of uniformity: language, family and personality adjustment in the immigrant second generation. *Ethnic and Racial Studies*, Vol.25, No.6. November 2002, pp. 889-912.

ROCHEFORT, Michel. Cidades Médias e Desenvolvimento: O caso do Brasil. In: *Redes e Sistemas: ensinando sobre o urbano e a região. São Paulo*: Hucitec, 1998.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez Editora Ltda, 2000, pp.13-43.

SALVADOR, A. D. *Métodos e técnicas de pesquisas bibliográficas: elaboração de trabalhos científicos.* 8.ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

SANTOS Mauro Augusto dos; BARBIERI Alisson Flávio; CARVALHO José Alberto Magno de; MACHADO Carla Jorge. *Migração: Uma revisão sobre algumas das principais teorias.* Agosto, 2010.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005 (1ªed.1979), p.21-41.

SANTOS, Milton. O meio técnico-científico-informacional. In:__*Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1996 (1ª ed.1994).

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.* Rio de Janeiro: Record, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração – ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration. In: SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. *Towards a transnational perspective in migration.* New York: The New York Academy of Sciences, 1992, pp.1-24.

SHYU, David Jye Juan. *Padrões de linguagem nos imigrantes chineses-Diaglossia.* Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur2/david.htm>. Acesso em 14 de dezembro de 2014.

SILVA, G.M.O. & ASSAFIN, S. A incidência de vocábulos pouco frequentes após hesitação e partícula "Assim". *Anais do IV Congresso da ASSEL-RIO*. Niterói: Instituto de Letras da UFF, 1994.

TARALLO Fernando, ALKMIN, Tania. *Falares crioulos: Línguas em contato.* São Paulo: Ática. Série Fundamentos, 1987.

THOMPSON, P. *A voz do passado. História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: McLAUGHLIN, Virginia Yans. *Immigration Reconsidered. History, sociology, and politics.* New York: Oxford University Press. 1990, pp. 79-96.

TODARO, M. P. (1969) A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países subdesenvolvidos. In: MOURA, H.A. (org.), *Migração Interna: textos selecionados.* Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, pp. 145-172.

OSO, Laura. Migration et trafic de femmes latino-américaines em Espagne; servisse domestique et prostituition. In: ZAIDMAN & HERSENT (orgs.). *Genre, travail et migration en Europe.* Paris: Cahiers du CEDEF , 2003.

RATH, Rainer. *Kommunikationspraxis.* Gottingen: Vandehoeck & Ruprecht, 1979.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP (PROJETOS PARALELOS: V.1)1993, pp. 81-101.

WANG, Qian. *Pesquisas de uso dos marcadores discursivos pelos aprendentes de língua chinesa cuja língua materna é inglesa.* Dissertação de mestrado, East China Normal University, 2008.

XU, Ziliang. *Pesquisas da cognição de ensino de língua chinesa como língua estrangeira.* SINOLINGUA:2000.